



• **Merelinense** | Ferraz e João Paulo são dois produtos da "cantera" do clube

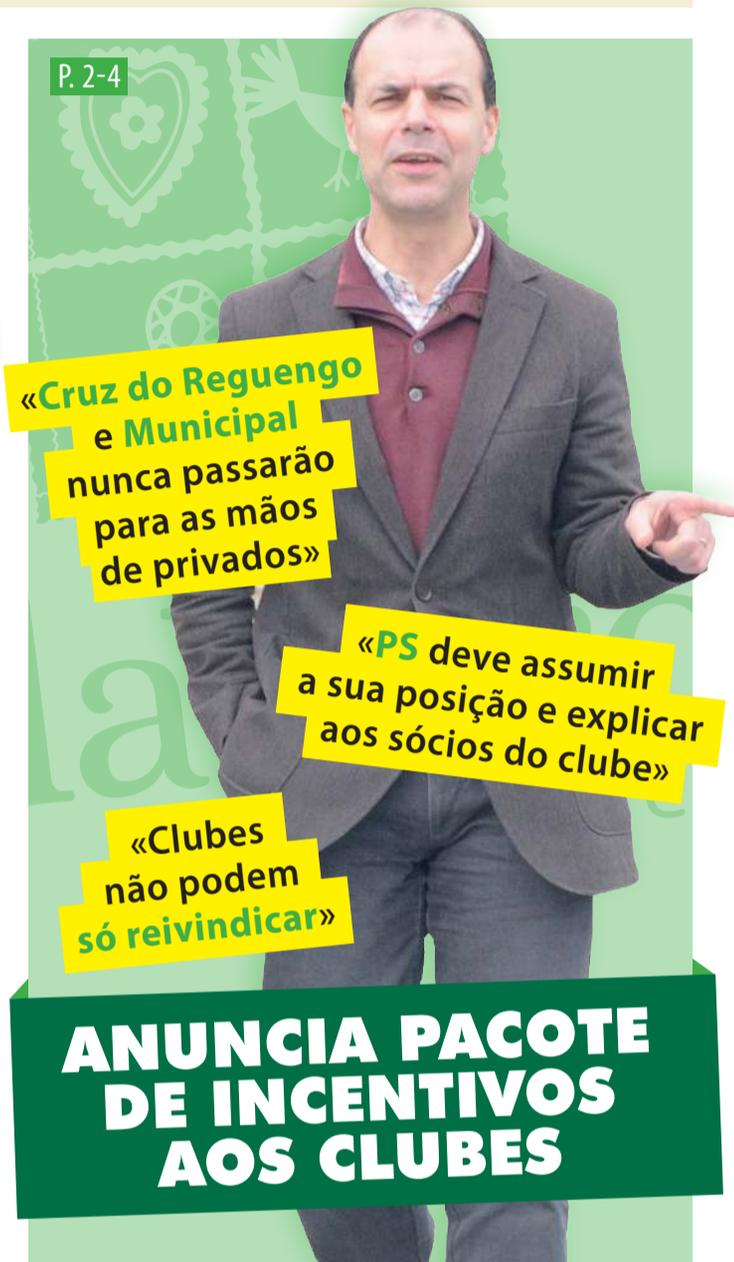
• **Maria da Fonte** | Filipe Pereira e Telmo querem levar clube à Liga 3

PROJECTO CONTEMPLA UMA MODERNA ACADEMIA 3,5 MILHÕES DE EUROS PARA REVOLUCIONAR COMPLEXO DESPORTIVO



P. 16 // LANK FC VILAVERDENSE

P. 2-4



«Cruz do Reguengo e Municipal nunca passarão para as mãos de privados»

«PS deve assumir a sua posição e explicar aos sócios do clube»

«Clubes não podem só reivindicar»

ANUNCIA PACOTE DE INCENTIVOS AOS CLUBES

ENTREVISTA A PATRÍCIO ARAÚJO
VEREADOR DO DESPORTO DA CÂMARA DE VILA VERDE

P. 8-9



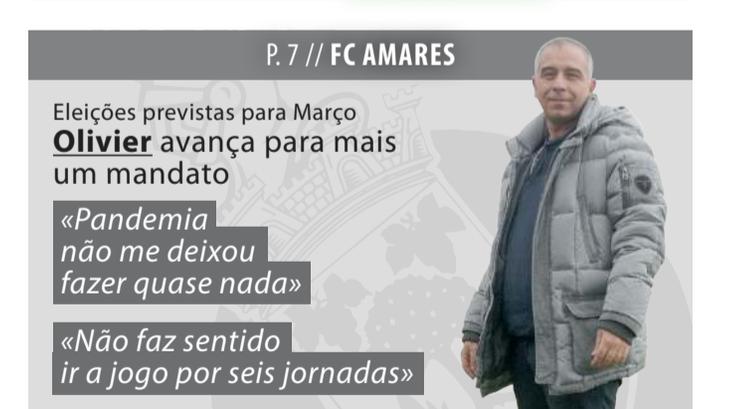
«Se arrancar, o campeonato deverá ter apenas uma volta»

«Como escolhíamos quem subia aos Nacionais? Deitávamos os papéis ao ar?»

«Qualquer medida será bem aceite por uns e mal por outros»

MANUEL MACHADO, PRESIDENTE DA AF BRAGA

P. 7 // FC AMARES



Eições previstas para Março
Olivier avança para mais um mandato

«Pandemia não me deixou fazer quase nada»

«Não faz sentido ir a jogo por seis jornadas»

P. 10-11 // DEPOIS DO ADEUS

Em casa de **David Alves** todos jogaram à bola e ainda casou com uma árbitra de futebol

«Sempre procurei clubes onde me sentisse bem»



«O Dumense tem condições para subir»

P. 5-6 // VILAVERDENSE

Gonçalo afirma-se no Lank Vilaverdense
«Sinto muito esta camisola»

Equipa feminina reforça-se a pensar na Liga BPI



P. 12 // TERRAS DE BOURO

Presidente acredita que projecto do sintético «não está na gaveta»



«A AF Braga deve ouvir os clubes antes de tomar decisões»

P. 14-15 // CN PRADO



Uma história com 39 anos do clube mais titulado do Concelho

Ampliação das instalações é o maior desejo

PATRÍCIO ARAÚJO - VEREADOR DO DESPORTO DO MUNICÍPIO DE VILA VERDE

A constituição de direito de superfície sobre os dois campos que integram o complexo desportivo – Cruz do Reguengo e Municipal – em favor do Vilaverdense Futebol Clube é um dos temas na ordem do dia. A proposta foi aprovada em reunião de Câmara, com a abstenção do PS, mas o ponto não foi votado em Assembleia Municipal depois de a oposição ter levantado muitas questões, sobretudo de âmbito jurídico, relativamente ao protocolo a celebrar. Em entrevista do Desportivo, o Vereador do Desporto, Patrício Araújo, lamenta que tal tenha acontecido e critica a postura dos membros do PS.

Desportivo: Em que consiste este acordo de cedência do direito de superfície do campo da Cruz do Reguengo e do Estádio Municipal ao Vilaverdense FC?

Patrício Araújo: Em boa verdade, trata-se da constituição de um contrato de cedência do direito de superfície válido durante 65 anos a favor do Vilaverdense FC mediante o compromisso de um investimento de 3,5 milhões de euros na melhoria das infraestruturas atualmente existentes. Essa cedência foi aprovada por maioria em reunião de Câmara, todavia, muito lamentavelmente, na passada Assembleia Municipal, realizada no dia 26 de Fevereiro, alguns deputados do PS colocaram muitas objeções considerando que os interesses do Município não estavam devidamente acautelados. Então, o Sr. Presidente, António Vilela, solicitou a retirada desse ponto da ordem de trabalhos afirmando que não tinha qualquer problema em acolher outra versão do documento, desde que os senhores deputados do PS então se comprometessem; quer a fazer as alterações que entendessem ser necessárias, quer a encetar e negociar com os representantes do Vilaverdense essa nova proposta, de modo que a mesma possa ser votada na próxima Assembleia Municipal a realizar em Abril.

Pela minha parte, afirmo e utilizo o adjetivo “lamentável” porquanto esses senhores deputados municipais do Partido Socialista deverão agora encontrar uma solução e assumir a suas responsabilidades explicando aos sócios e aos órgãos sociais do Vilaverdense FC as consequências da sua atitude.

Isto poderá significar uma de duas soluções: a primeira, é deixar tudo como está, significando com isto o definimento e a condenação do Vilaverdense a competir apenas nos campeonatos regionais, ou então, optarmos por uma mudança do paradigma gestor do clube que nos garanta o seu crescimento desportivo.

E esta segunda solução é a única que nos permite ter aspirações ao desenvolvimento e crescimento do clube levando-o a participar nos campeonatos nacionais da primeira e da segunda divisão.

É claro que isto representa uma mudança radical de paradigma e do modelo de gestão do clube. Todavia, também é preciso perceber que esta é uma solução que foi legitimamente deliberada, por unanimidade, pelos associados do Vilaverdense numa Assembleia-Geral também ela legitimamente convocada.

Essa proposta foi trazida ao Município pela Direção do Vilaverdense FC e nessa



Patrício Araújo, Vereador do Desporto da Câmara de Vila Verde, em entrevista

«AS INFRA-ESTRUTURAS NUNCA PARA AS MÃOS DE PRIVADOS»

medida a Câmara tem de respeitar e não se imiscuir numa vontade legítima dos órgãos sociais do clube. Nós desejamos e estamos cientes que é uma solução que poderá trazer benefícios e desenvolvimento desportivo para o clube e que permitirá impulsionar a renovação e construção das novas infraestruturas contratualizadas nesta cedência dos direitos de superfície.

Que tipo de infra-estruturas?

O clube ficou autorizado e responsabilizado para realizar os investimentos necessários à melhoria do complexo desportivo constituído pelo campo da Cruz do Reguengo e pelo Estádio Municipal, cujo valor se estima ascender a um montante aproximado de 3,5 milhões de euros. As obras prevêem a construção de dois novos relvados sintéticos (no campo da Cruz do Reguengo), de um novo relvado natural (no Municipal), bem como a colocação de novas bancadas e cadeiras, com melhoria dos camarotes, a par de uns

novos balneários e demais infra-estruturas de apoio a incluir num complexo social com área para um museu do clube, gabinetes médicos, áreas de apoio social e balneários específicos para os escalões de formação.

As obras a levar a efeito, embora sendo da responsabilidade do clube, carecem sempre de autorização prévia por parte do Município e durante toda a vigência do contrato o clube encontra-se obrigado a realizar as respectivas obras de conservação/manutenção e reparação das instalações, bem como manter sempre em funcionamento os escalões de formação.

Faço notar, ainda, que de acordo com a cláusula segunda do contrato o Município poderá continuar a usar as infra-estruturas desportivas desde que a calendarização dessa utilização não conflite com os compromissos previamente agendados pelo clube.

Estas obras têm algum prazo de conclusão?
As obras devem estar concretizadas no pe-

ríodo de quatro anos, contados a partir da data de obtenção das necessárias autorizações e demais licenciamentos ou pareceres legalmente exigíveis para o efeito.

«Percebo a apreensão»

E se algum dia a SAD se dissolver ou deixar o clube?

Percebo a apreensão das pessoas, mas podem ficar descansadas, pois, se daqui a oito, nove ou 10 anos a Sociedade Anónima Desportiva (SAD) se dissolver, o Vilaverdense fica com as suas infra-estruturas porque elas passam novamente a pertencer à Câmara. Não ficarão e não podem ser hipotecadas em favor de privados. É preciso que isto fique claro: o Município não vai doar os terrenos a privados.

Temos alguns maus exemplos de SAD em Portugal, mas também temos bons, como o caso do Famalicão, que há uns anos estava nos Distritais e agora está na I Liga. Devemos ver isto numa perspectiva positiva e



«Estamos a incrementar outras práticas desportivas»

Patrício Araújo diz que o Concelho tem muita diversidade

Patrício Araújo puxou dos galões para dizer que Vila Verde é dos poucos Concelhos da região com atletas internacionais e olímpicos e sublinhou que a prática desportiva concelhia tem-se alargado a outras modalidades não federadas.

Está solucionado o problema com o Vila Verde AC?

Isso depende da boa vontade das escolas, porque não é sustentável o clube estar a pagar os alugueres que elas pedem pela utilização dos pavilhões. O que posso dizer é que estamos a tentar encontrar uma solução e também vamos aumentar o subsídio ao voleibol.

O Concelho não necessitava de um multiusos mais central para o desporto indoor?

É preciso compreender que temos esses pavilhões, um na zona Sul (Cervães) e outro na zona Norte (Vade), que foram boas escolhas. Não pode ficar tudo centrado na Vila de Prado e em Vila Verde. É preciso descentralizar e estimular a prática desportiva noutras zonas do Concelho. Além disso, não podemos esquecer que a Vila de Prado e Vila de Vila Verde já têm pavilhões desportivos que estão agregados às escolas, bem como a Ribeira do Neiva e Pico de Regalados. Mas quero-lhe dizer que temos um plano para construir um multiusos só para prática desportiva. Ainda não temos projecto, mas já temos terreno em vista, mas essa será uma obra para o próximo mandato e não me quero estar a substituir ao próximo executivo.

Não acha que o Concelho precisa de mais diversidade desportiva?

Temos o bom exemplo da canoagem, do tiro, que tem um atleta classificado para os Jogos Olímpicos. Temos patinagem, hóquei em patins, futsal. Mas no Concelho temos bons exemplos de movimentos espontâneos de prática

desportiva como é o caso do Vila Verde e Prado a Correr. Cada vez mais há prática informal de mais modalidades e nesse sentido as próprias ecovias e ciclovias são um bom exemplo. Nessa medida, estamos a tentar incrementar outra prática desportiva que não sejam só as federadas. Por outro lado, se olharmos para os Concelhos vizinhos, só Vila Verde e Braga é que têm atletas com participações internacionais e olímpicas. Felizmente, temos campeões nacionais, europeus e atletas olímpicos e podemos orgulhar de ter realizado três competições internacionais, com o Campeonato da Europa, a Taça e o Campeonato do Mundo de Maratonas em canoagem. Essa é que é a verdade. Por isso, não nos podemos ver como os coitadinhos do desporto.

Ecovias e trilhos pedestres Vila Verde tem excelentes zonas de

lazer para a prática do desporto. O que é que a Câmara tem feito para impulsionar essas actividades?

Temos dois projectos para ecovias, um é um projecto supramunicipal, que irá envolver os seis Municípios da CIM do Cávado e que a longo prazo irá permitir às pessoas sair de Vila Verde e irem até Esposende ou até ao Gerês. Começámos também uma ecovia entre o Mirante e o Porto Carrero e neste trimestre iremos fazer a ligação do Mirante à Praia Fluvial do Faial.

Temos também planos para a zona do Neiva e do Vade. Neste momento, está também a ser desenvolvido com uma empresa privada um conjunto de trilhos pedestres a Norte do Concelho, envolvendo o Vade, Valdreu e Aboim da Nóbrega, porque hoje é cada vez mais procurado esse tipo de turismo em que se associa a prática desportiva e cultural à natureza.



Vereador no seu local de trabalho

tendo a consciência que, caso alguma coisa corra mal, o contrato tem cláusulas de salvaguarda em que as infra-estruturas serão sempre municipais, nunca ficarão nas mãos de privados. Esta apreensão que as pessoas têm nesta questão da cedência do direito de superfície está acautelada no contrato. Mas penso que será positivo, pois vai catapultar o clube para voos mais altos em termos de participação desportiva e isso também atrairá nos dias de jogos muitas mais pessoas a Vila Verde, o que irá estimular o comércio, a restauração e a hotelaria.

«Deixamos de ter custos na manutenção» O Município também deixa de ter qualquer responsabilidade na manutenção destes dois espaços?

Sendo agora o clube uma SAD, terá de suportar essas despesas de manutenção e conservação das instalações. Aliás, o contrato tem obrigações muito específicas relativamente a isso. A infra-estrutura em termos de campos de jogos e campo de apoio será melhorada, de outra forma as cláusulas de salvaguarda implicam a entrega imediata das instalações ao Município. Portanto, se forem concretizadas todas estas medidas, penso que o clube sairá beneficiado e a ges-

tão pública também porque o erário público deixa de suportar essas despesas de manutenção e poderá distribuí-las por outras colectividades. Também gostava de dizer que o Município não vai ter qualquer custo com essas obras.

O campo da Cruz do Reguengo já estava cedido ao Vilaverdense, mas o Municipal era utilizado por mais alguns clubes. Como vão solucionar isso?

Como se sabe, já existem muitos campos relvados no Município. Se quiser, podemos abrir já um novo capítulo nesta entrevista.

Força.

Quando cheguei ao Município só existiam campos em Vila Verde e na Vila de Prado. Hoje, temos vários sintéticos distribuídos por várias Freguesias. Temos campos de futebol 11 na Ribeira do Neiva, em Pico de Regalados, Prado e Lanhas. De futebol 7 temos em Freiriz, Vilarinho e Prado.

Apesar de a pandemia ter parado muita actividade, o Município não deixou de trabalhar. Nesse sentido, está a decorrer a obra do campo do Turiz, em parceria com a Junta de Freguesia, estamos a melhorar e amplificar os balneários no campo d' «Os Regadinhas»

de Freiriz, em colaboração com a Junta e o clube, e penso que ainda este mês a Junta de Freguesia de Prado, que também é nossa parceira, vai lançar o concurso para troca do sintético no campo do GD Prado, cujo relvado precisa de ser renovado. Hoje em dia, já não existe aquela dependência do Estádio Municipal, porque temos vários campos disponíveis espalhados por todo o Concelho.

«Clubes não podem só reivindicar» Por falar em obras, o Cabanelas diz-se marginalizado pelo Município...

Nenhuma destas obras que citei foi feita exclusivamente pela Câmara, mas sim com parcerias com os clubes e Juntas de Freguesia. Estamos disponíveis para ajudar, mas aos responsáveis do clube têm de entender que não realizamos sozinhos as obras. Por exemplo, a obra d' «Os Regadinhas» de Freiriz está a ser feita também com dinheiro do clube, porque não é apenas com o subsídio municipal que eles conseguiram fazer aquele trabalho. Portanto, pedimos também aos clubes que desenvolvam por meios próprios alguma capacidade de alimentar a própria obra. É isso que temos de chegar a um entendimento com o Cabanelas, pois não podem só reivindicar, é preciso que os clubes

tenham a capacidade de alavancagem.

«Não vamos afunilar o desporto no futebol» O Concelho está bem servido de campos sintéticos?

Temos um Município ao lado que tem muitos relvados às moscas. Por isso, é preciso perceber que não vamos fazer um campo sintético nas 33 Freguesias. Não é possível, nem desejável, nem sustentável, pois para além do futebol existem outras modalidades. Não vamos apenas alimentar a máquina do futebol. É necessário diversificar, colocar as pessoas a praticar outras modalidades. Não vamos afunilar o desporto concelhio só no futebol.

Quer dizer que o desejável é haver a partilha desses espaços?

Pode e deve haver partilha. Por exemplo, o Campo dos Cedros, em Lanhas, vai ser utilizado pelo GD Prado quando arrancarem as obras para a troca do sintético. Esse entendimento tem de ser feito pelos próprios clubes. Agora, também sei que há clubes que se entendem melhor do que outros. Mas também temos de perceber que há clubes que têm instalações próprias e temos de respeitar a autonomia deles.

PATRÍCIO ARAÚJO - VEREADOR DO DESPORTO DO MUNICÍPIO DE VILA VERDE

Pacote de estímulos aos clubes

Pela primeira vez o Município vai pagar inscrições aos seniores



Patrício Araújo diz que o Município está sensibilizado para as dificuldades que as associações desportivas estão a atravessar e revelou que em Março será aprovado um pacote de incentivos para que os clubes não fechem as portas.

Que tipo de apoios estão a dar aos clubes?

O que desejo é que a pandemia não venha ceifar desportivamente nenhum clube ou associação. Vamos aprovar durante o mês de Março um pacote de estímulo aos clubes. Nesse sentido, vamos aumentar a comparticipação dos subsídios, porque neste momento os clubes não dispõem de receitas de bilheteira, patrocinadores, publicidade e da receita dos bares, porque a própria prática desportiva dos clubes não profissionais está encerrada. O nosso desejo é que os clubes, logo após o desconfinamento, voltem a actividade, por isso a Câmara sente-se na obrigação de aumentar a sua comparticipação como forma de os equilibrar financeiramente. Mas vamos mais longe. Como se sabe, nunca apoiámos o desporto sénior, nem constitui obrigação do Município, mas este ano, a título excepcional, iremos pagar as inscrições dos seniores por forma a que os clubes não deixem cair a actividade. Não vamos dar subsídios à formação porque está parada. Iremos canalizar esse dinheiro no tal pacote de incentivo e pagar as inscrições aos clubes.

«Não tenho de sair envergonhado, nem triste»

Que balanço faz destes dois mandatos?

Gostaria de agradecer a colaboração de todos os clubes, sem excepção. Ao longo destes dois mandatos, aumentámos o número de actividades praticadas, aumentámos o número de praticantes federados, aumentámos e melhorámos os resultados desportivos e, pela primeira vez, realizámos eventos internacionais. No primeiro mandato, fizemos três campos relvados, duas piscinas ao ar livre e cinco campos de futebol 7. No segundo, fizemos obras no Campo dos Cedros, em Lanhas, estamos a terminar a requalificação do campo do Turiz, fizemos o alargamento dos balneários de Prado e do Regadinhas e vamos colocar um novo sintético no campo do GD Prado. Não tenho de me pôr em bicos de pés, mas também não tenho de sair envergonhado, nem triste, antes pelo contrário.

Sempre tive o apoio dos restantes Vereadores e do Presidente, António Vilela, a quem agradeço a sua sensibilidade para o desporto. Penso que o próximo Vereador do Desporto, seja eu ou ou-

tro qualquer, e o próximo Presidente da Câmara também terá sensibilidade suficiente para perceber que em termos de educação e formação da nossa juven-

tude é importante dar continuidade ao que foi feito nestes últimos dois mandatos.



Patrício Araújo está a terminar o segundo mandato no pelouro do Desporto

LANK VILAVERDENSE - GONÇALO PEREIRA

«SINTO MUITO ESTA CAMISOLA»

Gonçalo é um produto da formação do Vilaverdense FC



**Gonçalo Rodrigues
Costa Pereira**

Nascimento: 2001-11-17 (19 anos)
Posição: Médio
Clube: Lank FC Vilaverdense

Com apenas seis anos, Gonçalo Pereira entrou para as escolinhas do Vilaverdense FC, clube onde completou todo o processo de formação. Há duas épocas, no último ano de júnior, foi chamado à equipa sénior. Embora tivesse sido muitas vezes convocado, apenas teve 25 minutos de jogos numa partida frente ao Santa Eulália, que resultou num empate a uma bola.

«Treinava sempre com os seniores e quando não era convocado ia jogar com os jogadores para ganhar ritmo competitivo. Só fiz um jogo e lembro-me que senti muitas dificuldades nos confrontos físicos e na reacção à perda da bola. Quando dava por ela já tinha um adversário por perto. Nos seniores temos de pensar mais rápido. Mas foi um bom ano de aprendizagem. Esta época, quando entrei, senti-me muito mais preparado», contou Gonçalo, que aos 19 anos já leva 13 jogos disputados no Campeonato de Portugal, quatro deles a titular.

Bom campeonato para os jovens

Cada vez são mais os jogadores que jogam no Campeonato de Portugal a dar o salto para as ligas profissionais, sendo o caso do lateral do FC Porto Zaidu o mais mediático. «Este campeonato está cada vez com mais visibilidade na comunicação social e nas redes sociais, pois agora todos os clubes transmitem os jogos. É um campeonato atractivo. Temos de estar preparados e caso a oportunidade surja agarrá-la. Eu gostava de chegar a uma liga profissional, mas neste momento só penso em ajudar o Vilaverdense», afirmou.

Estreia com o Vidago

O médio estreou-se no onze da equipa do Lank FC Vilaverdense em Vidago, à 3ª jornada, num jogo que resultou num empate (0-0). Depois, teve uma série de jogos sem voltar a ser titular, embora tenha jogado muitos minutos. Curiosamente, voltou à titularidade novamente frente à equipa transmontana, tendo mesmo marcado um dos golos no triunfo por 4-0.

«Foi o primeiro e único golo até ao momento com a camisola dos seniores. A minha posição não passa muito por marcar golos, penso muito mais em tentar que a bola não chegue à nossa baliza para não os sofrer. Mas foi muito importante para mim porque sinto muito a camisola do Vilaverdense», frisou Gonçalo, que tem entrado algumas vezes no melhor onze da jornada do Campeonato de Portugal.

«Sinto-me melhor a oito»

«Prefiro jogar a médio, a oito, mas se tiver de jogar a central não há problemas. Jogo onde o treinador entender que posso ser mais útil à equipa naquele momento.



«Estava destinado, ele merecia»

Rui Faria viveu uma semana difícil antes do jogo em Cerveira. O autogolo contra a equipa do Vianense correu o país e gerou algumas palavras menos próprias quanto à sua dignidade. No entanto, o central deu uma resposta à altura dentro do campo, ao marcar o golo solidário que deu a vitória à sua equipa na jornada seguinte.

«Durante a semana, o grupo uniu-se muito à volta dele, mas não foi fácil. Isso acaba sempre por mexer com os jogadores. Foi injusto o que lhe fizeram. Queríamos muito ganhar aquele jogo e se alguém marcasse que fosse ele. Deu uma grande resposta aos críticos das redes sociais. Estava destinado, ele merecia», frisa Gonçalo.



Acho que sou forte na reacção à perda, no jogo aéreo, não gosto de complicar, tento jogar sempre simples», explicou o médio que se revê muito no futebol do médio francês N'Golo Kanté, médio do Chelsea.

«Tenho de agradecer aos meus colegas mais experientes que me ajudaram muito, muito do meu sucesso é deles, não só

os deste ano como também os do ano passado. Os conselhos que me dão são muito importantes, ajudaram-me a evoluir e a sentir-me bem dentro do campo», apontou.

«Qualidade para fazer melhor»

Quanto à prestação da equipa na série A do Campeonato de Portugal, Gonçalo reconhece que o grupo tem qualidade para fazer melhor, mas lembra que a equipa tem sofrido muitas mutações. «Temos um grande potencial, sabemos que podemos dar mais, praticamos um bom futebol e tudo isso vai dar frutos no futuro. A partir do momento em que há jogos e pontos para disputar temos de acreditar que podemos chegar ao quinto lugar», atirou, acrescentando: «Tivemos três treinadores, cada qual com o seu método de trabalho, e a entrada de muitos jogadores. Dentro do grupo tentamos adaptar-nos o mais rápido possível a estas mudanças».

Estudos e futebol e mãos dadas

Gonçalo Pereira nunca deixou de lado os estudos. O jogador frequenta o segundo ano do Curso de Gestão de Empresas, no IPCA. «Gosto muito do futebol, mas sei que são poucos os jogadores que conseguem viver dele. Gostava de um dia chegar a uma liga profissional mas sempre com uma via alternativa. Até ao momento tenho conseguido conciliar as duas coisas, embora esta época esteja a ser mais difícil, pois treinamos de manhã. Saio do treino, almoço e vou para as aulas, agora online. Se quisermos ter sucesso temos de fazer sacrifícios», disse.

LANK VILAVERDENSE - FEMININO

Mais seis reforços para atacar a subida

Lank FC Vilaverdense aposta tudo no regresso à Liga BPI

Inês Macedo

Idade: 20 anos

Posição: avançada

Clube anterior: Valadares Gaia



«É um bom projecto com umas grandes condições, melhores do que em muitos clubes da Liga BPI. A adaptação foi ótima, as minhas colegas ajudaram-me muito, é um grupo espetacular. Estou aqui para ajudar o clube a subir. Sou uma avançada com boa visão de jogo e, claro, com golo».

Kleydiana Borges

Idade: 25 anos

Posição: médio

Clube anterior: Lordemão



«Não estar a ser fácil treinar e não jogar porque todas as atletas querem jogar, mas assim também temos mais tempo para a equipa se entrosar, pois chegaram muitas jogadoras novas. Jogo a médio, gosto de ter bola e fazer o último passe, mas também tenho golo. A equipa tem potencial e está em-penhada».

Paulinha

Idade: 21 anos

Posição: defesa

Clube anterior: Gil Vicente



«Quando saí disse que um dia iria regressar. A integração não foi difícil, pois já conhecia o clube, embora agora o grupo tenha muitas caras novas, mas com ambição. Espero acrescentar qualidade ao grupo. É complicado treinar e não competir, mas vamos dar o nosso máximo para estarmos bem quando a competição regressar».



Novos reforços da equipa do Vilaverdense já estão integrados no grupo

A equipa feminina do Lank FC Vilaverdense já não compete desde o dia 15 de Novembro, mas continua a treinar porque ainda está na Taça de Portugal. A Direcção do clube aproveitou este longo interregno para reforçar a equipa tendo em vista a segunda fase do campeonato, que poderá permitir o acesso à Liga BPI na próxima época, não poupando esforços para dotar a equipa com jogadoras de qualidade. Ao todo foram seis os reforços que chegaram ao "Vila". No mercado nacional, o clube contratou a defesa Paulinha, a média Kleydiana Borges e o avançada Inês Macedo.

«Quando saí disse que um dia iria regressar e quando surgiu esta oportunidade decidi aceitar o convite. Encontrei um clube com muitas caras novas, mas também com

muita ambição», disse Paulinha, que estava a jogar no Gil Vicente, depois de cinco épocas ao serviço do SC Braga.

«Gosto de ter bola»

A média Kleydiana Borges já passou pelo Ouriense e pelo Valadares de Gaia, mas nas últimas épocas representou o Lordemão. «Não podia recusar este convite. A adaptação foi fácil, as colegas ajudam. Por um lado, não é fácil treinar tanto tempo sem competição, mas, por outro, dá mais tempo para a equipa se conhecer melhor, pois vieram muitas jogadoras novas. Gosto de ter bola e fazer o último passe, mas também tenho golo», afirmou a jogadora.

«Saudades da competição»

Apesar de ter apenas 20 anos, Inês Macedo

é uma avançada já com algum traquejo, que jogou no Sporting, no Estoril e no Valadares de Gaia. A atacante promete ajudar a equipa a chegar à Liga BPI. «É um bom projecto, com condições que muitos clubes da I Liga não têm. Estou aqui para ajudar o clube a subir e a manter-se na Liga BPI muitos anos. Já estamos com saudades da competição», admitiu a jogadora.

Duas americanas e uma japonesa

Do estrangeiro chegaram três reforços que prometem também serem mais-valias para a equipa orientada por António Silva.

«Deixar a minha marca»

A japonesa Naoko, de 27 anos, joga como médio ofensivo. Já passou pelo futebol australiano e inglês e agora espera singrar no

futebol nacional. A jogadora vem com credenciais de craque. «Pretendo continuar a marcar muitos golos e a assistir para as minhas companheiras. 10 golos pelo menos e cinco assistências (risos)», disse Naoko, que é a primeira japonesa a jogar no campeonato português. «Quero deixar a minha marca em Portugal. Estou cá há cinco semanas e as pessoas são muito simpáticas. O tempo é bom, mais quente do que frio. Quanto ao futebol é parecido com o do meu país», disse.

«É bom aprender coisas novas»

Denika, de 23 anos, defesa central, apenas jogou futebol universitário, mas está preparada para singrar na equipa do Lank Vilaverdense. «É bom jogar noutros campeonatos, aprender outro estilo de jogo, ver e perceber diferentes abordagens. Estou a gostar, mas é um pouco difícil devido à pandemia. Estamos muito tempo em casa. O tempo é mais quente, mesmo com chuva é mais quente que no Utah e isso é bom. Desportivamente quero melhorar as minhas qualidades», frisou.

«Quero afirmar-me»

Paige, de 23 anos, gosta de jogar na posição 8 e diz que não podia recusar a oportunidade de experimentar o futebol português. «A minha agente falou-me desta oportunidade e não podia recusar. A resposta foi logo sim. Individualmente, quero afirmar-me, deixar a minha marca e ajudar a equipa a subir de divisão. Penso que temos muito talento, todas trabalham muito e puxamos umas pelas outras», disse a jogadora, mostrando-se «ansiosa» por conhecer melhor o país. «Vila Verde e Braga são locais muito bonitos. Quanto à língua ainda me estou a habituar, estou a aprender», frisou Paige, que tem como referência Steven Gerrard. «Sempre olhei para ele como um exemplo, era um jogador fenomenal, um grande líder. Sabia como puxar pela equipa quando ela estava em baixo. E eu sou um pouco como ele dentro do campo», apontou.

Naoko

Idade: 27 anos

Posição: médio | País: Japão

Clube anterior: Actonians LFC



«Estava interessada em jogar no futebol português, porque nenhuma jogadora japonesa jogou neste campeonato. Quero deixar a minha marca em Portugal. Estou cá há cinco semanas e as pessoas são muito simpáticas. Já fiz alguns amigos. Além disso, o tempo é mais quente do que no Japão e eu não gosto de frio».

Danika

Idade: 23 anos

Posição: defesa central | País: EUA

Clube anterior: Alboin SC



«O nosso objectivo é chegar à I Divisão e sou mais uma jogadora para ajudar a equipa. Gostava de voltar a jogar nos Estados Unidos, ao mesmo tempo penso que é bom aprender a viver outras experiências e estilos de jogo. Estou a gostar de estar cá, menos de estar tanto tempo em casa».

Paige

Idade: 23 anos

Posição: defesa lateral | País: EUA

Clube anterior: Universidade de Las Vegas



«A minha mãe é a responsável por eu estar aqui. Foi ela quem sempre nos incentivou a jogar, assim como à minha irmã gémea. A minha irmã seguiu outro caminho, é bailarina profissional de ballet. Eu nunca quis parar e aqui estou eu. Sempre admirei o Steven Gerrard, é um jogador para o qual sempre olhei como um exemplo dentro e fora do campo».

FC AMARES - OLIVIER DA SILVA

Olivier recandidata-se a mais um mandato no FC Amares

Presidente diz que a pandemia não o deixou concretizar a maioria dos projectos

Olivier da Silva vai recandidatar-se a mais um mandato na presidência do FC Amares. O actual líder dos amarenses diz que a pandemia não o deixou concretizar a maioria dos projectos que tinha para o clube e que por isso vai a votos novamente. Olivier revelou ainda que apenas 50% dos actuais directores irá manter-se na lista

que vai ser apresentada a sufrágio eleitoral. Ao que apurámos, a lista dos restantes órgãos sociais também deverá sofrer alterações.

«Vou candidatar-me a mais um mandato, porque com esta pandemia não deu para fazer grande coisa. Este foi um ano para esquecer em todos os aspectos», disse Olivier Silva, acrescentando:

«metade dos directores vai continuar, os outros já não existiam».

Olivier da Silva sublinhou ainda que, caso seja eleito para mais um mandato, quer colocar o FC Amares nos campeonatos nacionais de futebol. «Quem fundou este clube, em 1945, foram pessoas ambiciosas e temos de respeitar isso. Por isso, o que posso prometer é que durante

estes dois anos vou fazer tudo para colocar o clube no lugar onde ele merece estar, que é nos Nacionais», frisou.

O dirigente prometeu ainda terminar algumas obras que ficaram pendentes devido à pandemia e criar mais um campo relvado. As eleições para os órgãos sociais do FC Amares devem realizar-se durante o mês de Março.



Clube avança para a certificação

Olivier revelou ainda que o clube vai dar mais um passo importante para o futuro com a certificação da formação do clube. Um processo que já está em marcha e deve ficar concluído na próxima temporada. «Temos de ter uma formação certificada para que os nossos jovens possam usufruir de melhores condições de trabalho e também humanas. É mais um passo importante para o clube», destacou.



«Deviam anular sem subidas nem descidas»

FC Amares não concorda com campeonatos com uma volta

A Direcção do FC Amares não concorda que os campeonatos terminem no fim da primeira volta, como já anunciou o Presidente da AF Braga, Manuel Machado. Olivier Silva diz que podem contar com o clube para um campeonato normal, caso contrário irá fazer de tudo para não ir a jogo. «Sempre disse que temos de ir a jogo e jogar, mas da forma como isto correu não faz sentido retomar os campeonatos. Primeiro eram duas voltas, com uma segunda fase, tiraram a segunda fase e agora querem terminar o campeonato apenas com uma volta, não faz sentido. É injusto para quem está no fundo da tabela», frisou o dirigente, que preferia que os campeonatos fossem anulados. «Para mim era anular, sem subidas, nem descidas. Se querem isso que

deixem o campeonato terminar, pelo menos que tenha duas voltas».

Olivier lembra ainda que o FC Amares vai fazer a quarta pré-temporada da época.

«Já vamos com a quarta pré-época. Vamos recomeçar para fazer cinco ou seis jogos, vêm seis jogadores de França para isto. Não nadamos em dinheiro. Se arrancarmos, pelo menos precisamos de um mês de pré-época, 15 dias é pouco, isso é brincar com o futebol e com a integridade física dos atletas. Os que estão lá em baixo podem contar com o nosso apoio. Se for para jogar o campeonato todo podem contar com o FC Amares, caso contrário vou tentar não ir a jogo. Isto não é verdade desportiva. Espero bem não ser o único a não pensar assim», atirou.

«Se for preciso vamos para os tribunais»

FC Amares não esquece caso do jogo com o Marinhãs

O FC Amares promete não deixar cair o caso do jogo com o Marinhãs. O Conselho de Disciplina (CD) tinha dado a vitória aos amarenses, devido à utilização irregular de um jogador por parte do clube costeiro, mas o Conselho de Justiça depois reverteu a decisão a favor do Marinhãs. Entretanto, o

CD da AF Braga decidiu derrotar o Marinhãs no jogo com o Dumienense pela mesma razão. Ou seja, o FC Amares perdeu um ponto, já que o jogo tinha terminado empatado, e o Marinhãs perde os três pontos que tinha conquistado em campo no confronto com a equipa bracarense.

«Vamos conversar com o advogado. Há qualquer coisa que não estou a entender, se for preciso vamos a tribunal para sabemos o que se passa, nem queremos os três pontos, quero saber a verdade. É uma mixórdia muito estranha e não entramos nisso», disse Olivier.



Direcção do FC Amares não se conforma a perda de dois pontos

MANUEL MACHADO - PRESIDENTE AF BRAGA

Manuel Machado foi recentemente reeleito Presidente da Direcção da AF Braga, para mais três anos e meio de mandato, que lhe permitirão completar o ciclo olímpico. A entrevista ao Desportivo ficou marcada inevitavelmente pelo contexto de pandemia em que vivemos e que tem prejudicado todo o «edifício do futebol». O Presidente da AF Braga disse que, se for possível retomar os campeonatos em Abril, as provas deverão ter apenas uma volta.

Que projectos tem a sua Direcção para este novo mandato?

As ambições são sempre as mesmas, os projectos dependem daquilo que nos acontecer daqui para a frente no contexto da pandemia. Os números estão a baixar, mas depende muito do estado de emergência e do confinamento. Espero que melhore para retomarmos uma competição normal, porque quando ouço dizer que isto é um novo normal, de normal não tem rigorosamente nada. Quanto ao projecto para os três anos é o que nos tem norteado nestes dois últimos mandatos, que é continuar a dar prestígio à nossa associação, mas principalmente continuar a dar apoio aos clubes, defendê-los, ajudá-los quando for possível e organizar provas com qualidade, como tem acontecido nestes últimos anos e que, infelizmente, esta pandemia veio deitar quase tudo abaixo. Só daqui a três ou quatro anos é que talvez consigamos voltar aos números que tínhamos antes da pandemia.

Isto foi um terramoto no desporto de formação?

Na época de 2019/20, na Associação de Futebol de Braga (AFB) tínhamos cerca de 21 mil atletas federados, perto de 17 mil da formação. Neste momento, temos 4.900 atletas. A FPF apostou forte no projecto “Crescer 2020” para fazer a certificação de clubes formadores e várias outras vertentes, nomeadamente na área da gestão e da comunicação.

Os 187 mil atletas que tinha na formação ficaram reduzidos para um terço. A formação tem sido a mais prejudicada e com graves consequências para o futuro. Não haver competição na formação vai trazer consequência para o futebol profissional e também para a Selecção Nacional, mas não só no aspecto de prejudicar a jusante do futebol profissional e das selecções, mas também no estado de saúde dos jovens atletas. É uma questão de sanidade mental.

Ficou sem efeito a prova extraordinária de sub-20?

Estamos em permanente contacto com a Federação, que está interessada em fazer alguma coisa. Se o contexto da pandemia nos deixar, em Abril ou Maio, podemos fazer alguma coisa num formato diferente, até para dar alguma esperança aos miúdos, dizendo-lhes que não nos esquecemos deles. No entanto, isso não depende nem da FPF, nem da AFB, nem do Governo, mas sim da Direcção-Geral de Saúde (DGS).

**Retoma para Abril nos seniores
E quanto às competições seniores?**

Os números estão a baixar e o que se prevê é que a retoma das competições se-

niores seja feita a partir do início de Abril. Se nos permitirem começar a treinar em meados de Março, temos depois dois meses para jogar. O quadro competitivo contemplava duas voltas e uma segunda fase na Honra e Pró-Nacional para apuramento de campeões e descida de divisão. Se for possível retomar os campeonatos – e eu acredito que sim – devemos terminar ao fim da primeira volta. No entanto, se o tempo o permitir iremos procurar outras soluções que satisfaçam os clubes.

Tem consciência que isso vai provocar descontentamento nos clubes?

Neste momento qualquer medida será bem aceite por uns e mal por outros. Quem estiver lá em cima vai aceitar bem, quem estiver cá em baixo vai dizer que se houvesse segunda volta podia reverter a situação, mas é o que é. Não podemos alongar o campeonato, não dá para fazer duas voltas. Os dois primeiros de cada série da Pró-Nacional, provavelmente, vão fazer um ou dois jogos para saber quem vai ser campeão e subir aos Nacionais. Mas primeiro temos de informar os clubes da decisão que tomarmos. É evidente que alguns ficarão satisfeitos e outros não.

Muitos clubes dizem que era preferível a época nem ter arrancado. Isso era possível?

Iniciámos as competições numa perspectiva que em Outubro estaríamos melhor do que em Março e foi o contrário. Aliás, alguns clubes só queriam começar em Janeiro, então é que não arrancavam os campeonatos. Não podíamos fazer isso, até porque a maioria dos clubes aceitou, apenas meia dúzia não quis participar e estão no seu direito.

E anular os campeonatos desta época?

E como iríamos depois indicar o clube para o Campeonato de Portugal? Deitávamos os papéis ao ar? Penso que as maiores associações vão fazer o mesmo, ou seja, apenas uma volta. As outras com menos clubes devem ter tempo para fazer duas voltas. Nós se tivermos tempo também iremos tentar arranjar uma solução melhor. A AFB é a segunda maior associação do país, ultrapassou Lisboa e certamente que devem subir mais clubes, como aconteceu na época passada com as subidas do Pevidém, Brito e Vilaverdense. Alguma vez viu jogar a Liga dos Campeões nos moldes do ano passado? Para situações difíceis, decisões difíceis.

Os clubes também se queixam de ter poucos apoios.

Nos seniores não pagaram taxa de filiação, só aí foram 70 mil euros. Baixámos 40% nas inscrições, na formação só iriam pagar 40%, baixámos 20 euros as taxas de organização, distribuimos máscaras, temos facilitado os pagamentos, temos muitas coisas penduradas porque sabemos das dificuldades dos clubes. Fizemos mais do que muitas associações com mais possibilidades do que nós e estamos disponíveis para apoiar mais, se pudermos, claro.

«Que seja uma “bazuquinha”»

E vão surgir mais apoios financeiros?

Tem de haver um sinal que sim para segurarmos a base do edifício do futebol. Se os alicerces abanarem a casa cai e com estrondo, isso é o que nós não queremos. O



Manuel Machado espera que futebol distrital possa voltar em Abril

«É a coisa que mais me dói»

Mais um ano sem a festa do futebol distrital

Este vai ser o segundo ano sem a Festa do Futebol Distrital?

Isso é a coisa que mais me dói. Era o dia mais lindo, a festa rainha, ver toda aquela envolvimento, os miúdos a receber os troféus com um brilho nos olhos e os pais nas bancadas a assistir... Ainda cheguei a pensar em organizar algo mais pequeno, um jogo entre o campeão da Pró-Nacional e da Honra, mais uma partida de futebol feminino, de uma forma mais simples.

A arbitragem é outro sector que tem sofrido muito com esta crise pandémica.

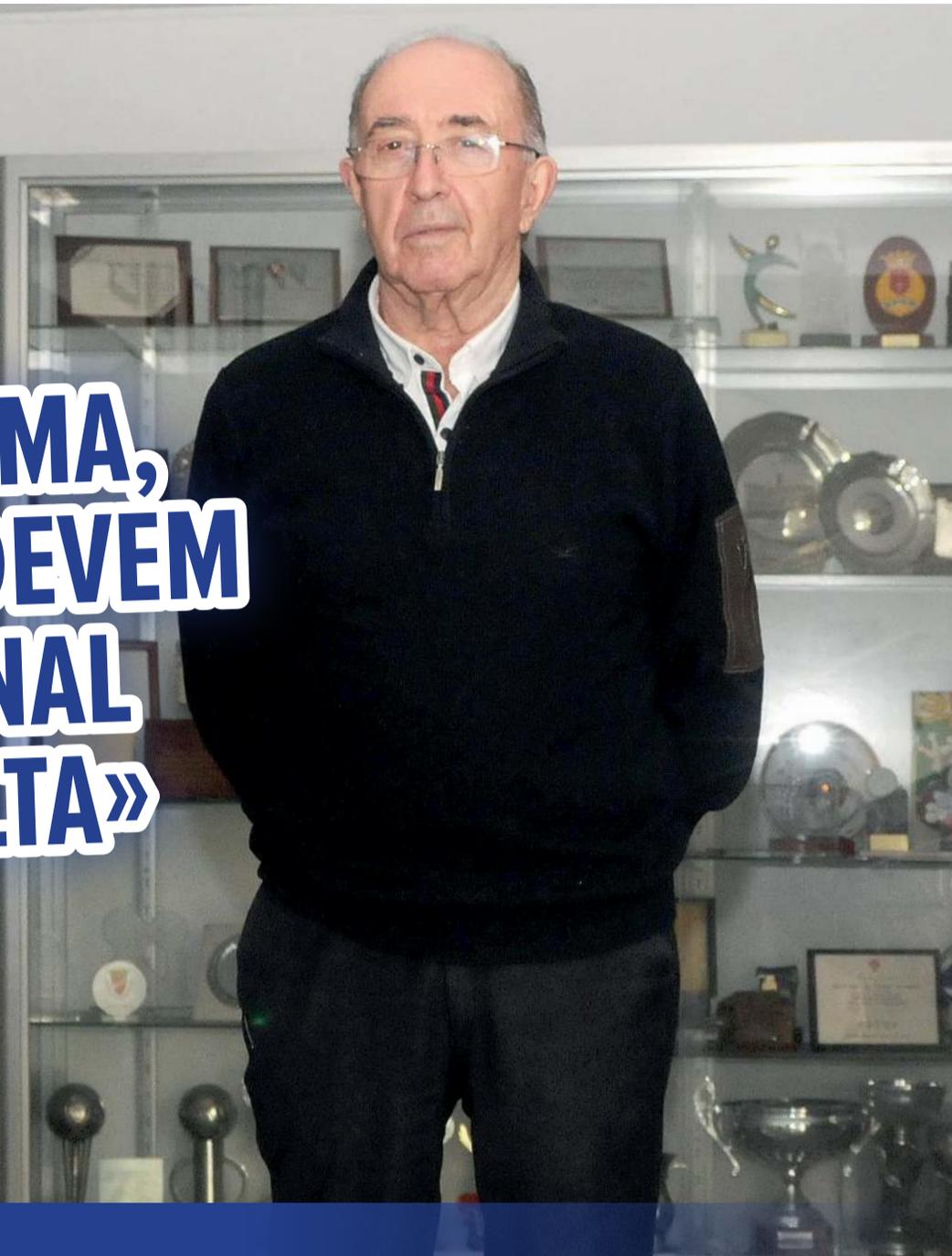
É verdade. Porventura alguns já não vão voltar mais, o que nos vai criar problemas, mas também temos a capacidade de fazer formações. Os árbitros estão a passar um mau bocado. Não se trata apenas da sua progressão na carreira, mas também em termos financeiros, era sempre um dinheiro que fazia jeito. Espero que nenhum deles tenha perdido o emprego.

Nesta altura difícil que mensagem deixa aos clubes?

Deixo uma mensagem de resiliência e de confiança no futuro. Sei que estão a passar por dificuldades. Mas queria deixar uma

palavra pela forma como se têm comportado em termos de saúde sanitária e que tenham confiança que nós estamos ao seu lado, pois eles são a razão desta casa. Queríamos também deixar uma palavra de agradecimento às Câmaras Municipais, que nesta fase complicada continuam a apoiar os nossos clubes.





«Tivemos uma incidência de 0,6 por mil»

Nos jogos de Dezembro e Janeiro

Os epidemiologistas apontam a abertura no Natal como grande factor da terceira vaga da pandemia em Portugal e que obrigou o Governo a fechar de novo o país. Manuel Machado lembra que nessa fase a AF Braga realizou quatro jornadas, envolvendo no total mais de 3.750 pessoas e que os números de contágio foram residuais.

«Como sabem, nessa altura realizámos quatro jornadas e fizemos 150 jogos, o que envolveu 3.750 pessoas. Por isso,

pedimos aos clubes que nos reportassem até ao dia 3 de Fevereiro se existiu aumentos de casos depois desses jogos. Tivemos 33 casos, isso dá 0,6 por mil, nem um por mil dá. Esses números reflectem a grande responsabilidade que os clubes tiveram em cumprir as regras da DGS. Para eles deixo uma palavra de gratidão, pois quiseram fazer deles pessoas irresponsáveis, mas não é verdade. Tiveram um comportamento exemplar», ressalva.



Governo tem de perceber que o desporto é um bem essencial. Não é das coisas mais importantes da vida, mas é essencial para termos uma sociedade saudável, solidária e tolerante. O Governo tem de entender que gastará muito mais dinheiro na recuperação destes jovens do que no apoio que tenha de dar. Penso que o Governo está sensibilizado para isso. Se não for uma bazuca, que seja uma “bazuquinha”.

Como vão ser distribuídos os 2,2 milhões da FPF?

As associações vão receber 15 mil euros. Os clubes é outra situação. Todos os clubes que foram obrigados a parar em Janeiro vão receber uma verba, naturalmente com valores diferentes conforme a divisão onde estão a jogar. No entanto, apenas um terço dessa verba é a fundo perdido, os outros dois terços têm de ser pagos pelos clubes. O mesmo se passa com as associações que dos 15 mil euros só vão usufruir de cinco mil a fundo perdido, o restante terá de o pagar nos próximos três anos. Antes disso ainda tem de ser feito um protocolo entre a FPF e as associações e depois outro entre as associações e os clubes.

Pensa que a próxima época vai ser normal?

Segundo os epidemiologistas, no Verão

teremos uma percentagem de três milhões de imunizados e, segundo o Governo, em Setembro 70% da população já estará vacinada. Por isso, penso que aos poucos vamos poder retomar a normalidade.

E como vão ficar os quadros competitivos?

Este quadro competitivo era de dois anos. Vamos ver o que é possível fazer. Temos andado a fazer simulações do que podemos fazer. Uma coisa fica claro: não vai agradar a toda a gente. Nem em condições normais agradaria, que fará assim.

“**O GOVERNO TEM DE ENTENDER QUE GASTARÁ MUITO MAIS DINHEIRO NA RECUPERAÇÃO DESTES JOVENS DO QUE NO APOIO QUE TENHA DE DAR**”

«Até tenho saudades de ser maltratado»

Manuel Machado diz que vivemos «um silêncio ensurdecedor»

A pandemia tem tirado horas de sono a Manuel Machado. O Presidente da AF Braga diz que até já sente saudades de ser «maltratado» pelos dirigentes dos clubes.

«Este silêncio ensurdecedor é terrível e tem-me tirado horas de sono. Preferia ter os clubes a chatear-me, a queixarem-se de que foram prejudicados neste ou naquele jogo. Até tenho saudades de ser maltratado, o que para mim era muito

mais saudável porque compreendo que por vezes é um momento em que um clube está mais descontente», disse Manuel Machado, que neste momento sente-se um pouco com as “mãos atadas”. «Olhamos e dizemos: “O que vou fazer? Qual o caminho a seguir?” Não sabemos! A qualquer momento podemos ser bloqueados. Estamos a viver uma vida sem vida», lamentou.



Manuel Machado foi recentemente reeleito para mais um mandato

DAVID ALVES



David Alves, ou Banana como todos o conhecem no futebol, decidiu colocar um ponto final na carreira de futebolista devido à Covid-19. Foi um dos primeiros jogadores a tornar pública a sua decisão, criticando na altura os responsáveis da AF Braga por terem dado início aos campeonatos. Para trás deixa 19 anos de carreira, com quatro subidas de divisão, muitas histórias e amizades nos seis clubes que representou e também nos adversários que defrontou.

Foi um dos primeiros jogadores da AF Braga a decidir “pendurar as chuteiras” devido à pandemia. Por que tomou essa decisão?

Por uma questão de coerência, de princípios e valores. Como trabalho nos Bombeiros pertenco a um grupo de risco e no início da pandemia fui um dos críticos do meu comandante por não ter tomado medidas mais severas em relação à pandemia. Por isso, não seria coerente da minha parte se continuasse a jogar futebol.

**«Martim é um clube bairrista»
Quatro anos no clube barcelense**

«Dizem que o Martim perdeu um pouco da sua mística desde que deixou de jogar no campo Zé da Nora. Ainda joguei com alguns colegas que viveram esses tempos. É um clube bairrista, com gente boa, mas se calhar falta-lhe um pouco de ambição e organização. Quando lá joguei o dinheiro era quase só para o gasóleo, mas gostava do clube e das pessoas e isso para mim era o mais importante».



David ao serviço do Vieira

Foi uma decisão definitiva?

Sim, é um adeus em definitivo. Quando fui campeão pelo Dumiense já era para deixar de jogar. Não é fácil gerir o trabalho e o futebol, foram sete anos assim, tinha de fazer muitas escolhas. Agora também nasceu o segundo filho e tenho outras prioridades.

Já sente falta do futebol?

Não sou daqueles saudosistas, sinto que aproveitei ao máximo. Agora tenho outras ambições. Mas a pandemia roubou-me mais dois ou três anos de futebol.

Vamos recuar 19 anos. Ainda se lembra de quem o levou ao primeiro treino de futebol?

Claro que sim. Foi o meu pai. Só com 14 anos é que entrei para os iniciados do Merelinense, treinado pelo falecido Cesário. Joguei lá um ano e depois fui para o Bairro da Misericórdia, clube satélite do SC Braga. Mas foi um ano difícil, tive uma depressão provocada pelos problemas com o acne. Era uma idade complicada, de puberdade, e acabei por regressar ao Merelinense, mas como tive de tomar muita medicação ganhei uns quilos e essa época também não foi fácil.

Mas acabou por completar aí toda a formação?

Sim. Joguei lá até aos juniores, escalão onde fomos campeões e subimos de divisão. É uma grande escola, das melhores da região, uma grande família que nunca irei esquecer.

E o que mais recorda desses tempos?

O que lembro com mais saudade são as viagens nas carrinhas, onde dávamos uma grande volta para deixar os colegas até regressar em casa. Muitas histórias com um grupo fantástico.

«Privei com uma geração de ouro»

Clube onde também se estreou como sénior?

Joguei dois anos. Estive na primeira equipa que subiu o clube pela primeira vez à II Divisão B. Uma equipa fantástica com o Hélder na baliza, o Paulinho, Talaia, Feliz, Cara, Manu, Borges, Ricardo Martins e Bispo, entre outros. Por isso é que nesses dois anos jogava com pouca frequência. Mas já estava à espera, pois o Merelinense tinha uma equipa fortíssima. Tive o privilégio de privar com uma geração de ouro do Merelinense.

Foi por isso que decidiu sair, para jogar com mais regularidade?

É verdade, o facto de querer jogar com mais regularidade levou-me a tomar essa decisão de sair do clube que me formou como jogador e como homem. Mas também para conhecer outras realidades, contextos e métodos de trabalho diferentes. Se ficarmos muito tempo no mesmo sítio acabamos por nos acomodar.

Seguiu-se o GD Prado.

Sim, na altura o clube tinha subido à III Nacional. Começámos a época com o Paulo Faria e acabámos com o Artur Correia. Nesse ano conseguimos a manutenção, mas acabámos por descer no ano seguinte. Ainda joguei lá mais um ano e depois fui para o Vilaverdense.

Isso não causou mal-estar já que é o grande “rival”?

Sempre saí bem com os clubes, porque dentro da minha disponibilidade dei sempre tudo. Claro que quando saí as pessoas ficaram tristes. Fui com o Duarte e penso que também com o Bruno. Fizemos uma grande época, fomos campeões e perdemos a Taça,

Em casa de David Alves todos jogaram à bola e ainda se casou com uma



era o “mister” Nelito o treinador. Tínhamos uma super equipa.

Ficou só um ano?

Na altura decidi ir para o Vieira, mas só joguei até Dezembro.

Porquê?

Foi na altura em que entrei para os Bombeiros Sapadores de Braga. Já tinha falado com os dirigentes do Vieira que podia acontecer essa situação. Acabei por estar

meio ano parado e a minha ideia era mesmo deixar de jogar, porque como trabalhava por turnos era muito difícil de conciliar com o futebol. Mas depois comecei a ir ver os treinos do Dumiense e, como ainda era novo, o bichinho ainda estava bem entranhado. Então, o Paulo Pires convidou-me para jogar no Dumiense. Estávamos na I Divisão e subimos à Pró-Nacional, no ano da reestruturação dos campeonatos. Foi um passo muito grande e tivemos muitos problemas no ano seguinte.

«O Dumiense tem condições para subir»

Clube da sua terra de origem

«O Dumiense é o clube da minha terra, passei lá bons momentos bons e outros maus. Desde que saí não tenho acompanhado muito a equipa, mas estive no projecto e conheço bem as pessoas. O plantel tem muita qualidade, o treinador é sério, frontal e competente, podem subir de divisão. Se isso acontecer será uma subida sustentada, porque à frente do clube estão pessoas competentes. Esta união com o Colégio João Paulo II foi boa para a Freguesia, clube e jogadores».



Dumiense foi o último clube da sua carreira

Árbitra de futebol



ES ONDE ME SENTISSE BEM, PROCURA DE TÍTULOS»

Esse foi o ponto de viragem na sua carreira?

Penso que sim. Estabilizei, fiquei mais maduro. Sempre procurei clubes onde me sentisse bem e nunca fui à procura de títulos. O que queria era o carinho e respeito das pessoas.

«Tenho pena de nunca me ter dedicado a sério»

Nunca pensou em chegar a uma liga profissional?

É interessante falar nisso, porque às vezes conversei com a minha mulher e digo-lhe que tenho pena de nunca me ter dedicado a sério à profissão de futebolista. Trabalho desde os 17 anos, tinha de ganhar a vida, pois os meus pais não tinham dinheiro para me sustentar e com o tempo fui-me resignando. Talvez se me tivesse dedicado um ou dois anos apenas ao futebol pudesse chegar mais longe. Quem sabe... Mas foi como foi e não estou arrependido.

Uma família que respira futebol

Só o irmão é que não praticou a modalidade



Jogador nos festejos do "Vila" na subida aos nacionais

Mesmo que se queira desligar do futebol vai ser um pouco difícil...

É verdade [risos]. A minha mulher [Andreia Sousa] é árbitra e acabámos sempre por falar muito de futebol em casa. Acho que ela ainda gosta mais de futebol do que eu.

E começou a compreender melhor o trabalho dos árbitros depois de a ter conhecido?

Ela tentava-me explicar as leis e comecei a perceber a dificuldade que é apitar um jogo. Normalmente, após uma derrota pomos sempre a culpa nos árbitros, mas não nos podemos agarrar a essas coisas. Comecei também a transmitir isso aos colegas, porque os jogadores estão mal informados sobre as leis de jogo e como é difícil ser árbitro.

E como foi a relação entre o pai treinador e o filho jogador?

A única coisa que o meu pai me perguntou [Banana, actual treinador do Sequeirense] quando chegou ao Dumienense foi se conhecia o plantel. Mal acaba o treino era um grande silêncio, em casa não falávamos do que se passava no clube. O meu pai também sempre foi muito recatado e reservado.

Têm uma família de futebolistas.

O meu pai jogou muitos anos e ainda treina, a minha mãe e a minha irmã também jogaram. O único que nunca quis nada como futebol foi o meu irmão. Foi pena porque era o que tinha mais condições físicas. Jogou andebol e depois dedicou-se ao sofá [risos].

«Identifiquei-me muito com o Aníbal Ferreira»

Qual o treinador que mais o marcou?

Apreendi com todos, mas aquele com que mais me identifiquei foi com o Aníbal Ferreira, com quem trabalhei no Martim. Identificava-me com a postura dele. Pessoa calma, sensata, fez-me perceber muitas coisas que não sabia sobre futebol. Era uma pessoa de trato fácil e sincera com os jogadores.

E o avançado mais difícil de segurar?

Joguei contra muitos, mas talvez o Barroso, que agora é adjunto do Zé Nuno no Prado, e o Armando. Não eram fáceis de parar. O Armando como jogador era do melhor que há, mas era muito complicado lidar com ele como adversário ou colega.

Qual o central que mais se identifica?

Sempre gostei dos centrais com "souplesse" e requinte como o Ricardo Carvalho. Até para cortar uma bola é preciso ter classe. Depois, cada vez mais os treinadores querem centrais que saibam tratar bem a bola.

«Mais fama do que proveito»

Ganhou muito dinheiro com o futebol?

Não, sempre foi mais fama do que proveito. Como era defesa nunca apreciavam propostas chorudas. Um avançado que fizesse uma boa época, com muitos golos, era logo cobijado por outros clubes. Um defesa demora mais tempo. Mas foi sempre uma boa ajuda.

Das muitas histórias que vivenciou no futebol pode-nos contar uma?

Não sou a pessoa indicada para contar histórias. Mas há muitas. Lembro-me de uma vez no Vilaverdense quando fomos jogar ao Martim para a Taça. A mãe do Nelito tinha falecido e então quem orientou a equipa foi o "mister" Teia, que infelizmente também já nos deixou. Ele engasgava-se um pouco e nesse dia deu a palestra. Era toda a gente a gravar com os telemóveis, foi uma "risota", mas sempre com muito respeito.



Jogador também representou o Vilaverdense FC



Festejo de mais um golo com Miguel Oliveira



David foi capitão do Dumienense nas últimas épocas

TERRAS DE BOURO - MIGUEL RODRIGUES

ADRC Terras de Bouro anseia por um novo relvado sintético

Miguel Rodrigues acredita que «projecto não está gaveta»

Miguel Rodrigues chegou ao Terras de Bouro dois anos após a transformação do Grupo Desportivo em Associação Desportiva Recreativa e Cultural, devido às dívidas deixadas pelas anteriores Direcções. No segundo ano, assumiu a presidência da colectividade terrabourense, onde está há 19 anos. Com ele ao leme o Terras de Bouro atingiu o patamar mais alto nos campeonatos da AF Braga, tendo aí permanecido durante três temporadas, e conquistou um título distrital de juniores. No mês em que a Associação comemora mais um aniversário, o dirigente diz que a necessidade mais premente é mesmo a colocação de um novo relvado sintético, até porque este já tem 20 anos.

«Lembro-me que o primeiro campo a ter sintético foi o do Marinhas e a seguir foi o nosso. Está “velhinho” e muito gasto. Precisa urgentemente de ser mudado, até para salvaguardar a integridade física dos atletas», frisou Miguel Rodrigues, esperando que este problema se resolva o mais rapidamente possível.

«Temos conversado com o Município, porque este espaço é da Câmara. Eles estão a fazer um grande esforço para resolver a situação e penso que o projecto não está esquecido nem metido na gaveta. O Município está atento e penso que não deve demorar muito mais tempo», garantiu.

nunca fui contra o futebol, mas sim contra o começo dos campeonatos, porque sabia que ia dar este resultado. Não tenho nada contra ninguém, apenas estou contra quem dirige porque nem sempre colocaram a saúde das pessoas à frente do futebol. Não há nada que pague a vida humana, nem que seja uma única», disse.

«Ainda há muito dinheiro no futebol» Miguel Rodrigues deixou também críticas a alguns dirigentes que «fizeram tudo» para que os campeonatos arrancassem. O Presidente do Terras de Bouro afirma mesmo que ainda há muitas pessoas a governar-se à custa do futebol.

«Vi muitas pessoas a colocarem o futebol

distrital à frente de tudo. Quando isso acontece é porque há outras razões para além do amor ao desporto e à camisola. Ainda há muita gente a depender do futebol regional, nunca pensei nisso. E não estou a falar dos jogadores. Não me revejo nestas atitudes e não contem comigo para estas novelas, este não é o futebol a que me habituei», atirou.



Miguel Rodrigues está no T. Bouro há 19 anos

QUERO QUE FIQUE CLARO QUE NUNCA FUI CONTRA O FUTEBOL, MAS SIM CONTRA O COMEÇO DOS CAMPEONATOS

Miguel Rodrigues agradeceu ainda o facto de a autarquia não ter deixado que o clube fechasse as portas devido à pandemia. «As dificuldades são muitas, estamos todos a fazer um esforço imenso. A nível financeiro, se não fosse a ajuda da Câmara, nem tínhamos começado o campeonato», avançou o dirigente, que desde o início se mostrou contra o arranque das competições na AF Braga.

«Já recebi muitos telefonemas e até fui ameaçado, mas quero que fique claro que



Sintético do T. Bouro é um dos mais antigos da AF Braga

«Decisão tem de ser tomada pelos clubes»

Presidente pede para AF Braga ouvir os clubes antes tomar decisões

O Presidente do Terras de Bouro quer que sejam os clubes a tomar uma posição sobre o actual momento que o futebol distrital atravessa. Miguel Rodrigues diz que a AF Braga deve reunir com os seus filiados para em conjunto tomarem uma posição sobre como terminar a época sem que os clubes sejam novamente prejudicados. O dirigente mostrou-se contra a fórmula avançada, embora não oficialmente, pela AF Braga para os campeonatos terminarem ao fim da primeira volta.

«É mais do mesmo. Não concordo, mas

estou à espera que a AF Braga diga alguma coisa. Isto veio provar que os campeonatos não deviam ter começado. Agora vai acontecer o mesmo do que em Março do ano passado. Isto de reunir os clubes com as decisões já tomadas não tem sentido nenhum. Se a AF Braga antes de tomar as decisões falar com os clubes pode ser que se chegue a um consenso. Aí, a minha opinião poderá mudar», disse o Presidente dos terrabourenses, que preferia que os campeonatos terminassem sem descidas nem subidas.

«Se for apenas para entreter não contem comigo»

Eleições antes do arranque da nova época

A crise pandémica, que já dura há um ano, não permitiu que o clube realizasse as Assemblei-as-Gerais de apresentação de contas e eleitorais, mantendo-se em gestão a anterior Direcção liderada por Miguel Rodrigues. No entanto, o Presidente do Terras de Bouro quer resolver esta questão antes do arranque da nova temporada.

Miguel Rodrigues ainda não tomou uma posição definitiva se avança ou não para um novo mandato. Antes disso, diz o dirigente, é preciso que as forças vivas do Con-

celho mostrem vontade em ajudar o clube.

«Terras de Bouro não tem cultura futebolística. O futebol aqui passou para segundo ou ter-ceiro plano e não estou apenas a falar ao nível dos adeptos, mas também das forças vivas do Concelho que podem ajudar o futebol. Temos de nos sentar todos, as pessoas que dirigem o Concelho e as empresas e pensar o que querem do futebol em Terras de Bouro. Se for apenas para entreter, que vão para o INATEL, mas que não contem comigo. Não vou andar a perder tempo», avisou.

DRIFT

VILA VERDE É TERRA DE CAMPEÕES NO DRIFT



Modalidade ganhou outra expressão com a integração na Federação de Automobilismo e Karting

O drift deu um enorme salto com a integração na Federação Portuguesa de Automobilismo e Karting (FPAK). Tendo em conta que a região detém grande protagonismo com um núcleo de pilotos de excelência, como Diogo Correia, Nelson Rocha, João Gonçalves e Firmino Peixoto, entre outros, o Desportivo falou com os dois dos pilotos que alcançaram títulos nacionais.

Ao actual Campeão de Portugal, Diogo Correia, pedimos para rever o seu baptismo internacional na Letónia representando Portugal. «Foi único e muito especial ser chamado a representar o nosso país na prova que reúne os melhores pilotos do drift mundial. Estava habituado às nossas provas e fui encontrar um mundo polifacetado de pilotos e máquinas, onde me senti muito à vontade, dado que tecnicamente estamos ao nível deles. Como choveu muito durante a prova, consegui estar a muito bom nível e se não fosse um problema de caixa de velocidades, na batalha que disputei com o piloto polaco, poderia ir muito mais longe. No confronto

não senti grandes diferenças técnicas», explicou.

O piloto sublinhou ainda que o drift ficou a ganhar com a entrada na Federação. «Trouxe grandes vantagens, pelo crescimento e visibilidade que criou, faltando apenas fazer aproximar mais alguns carros do nosso parque já que o nosso regulamento, como está, coloca-nos ao nível internacional», disse Diogo Correia, olhando já ao futuro. «Quanto à época de 2021 não tenho ainda definida a nossa participação completa no campeonato, sendo certa apenas a participação numa prova internacional. O BMW está a evoluir e, limitado como estou neste momento, aponto para o regresso a sério em 2022, para novo assalto ao título», apontou.

Por seu lado, Nelson Rocha sente que «os passos que o drift deu nos últimos anos foram enormes e a sua inclusão na Federação foi uma mais-valia, nomeadamente em termos de regulamentos, horários e disciplina». «Ainda nem tudo está bem, mas este conjunto de factores reunidos trouxe mais credibi-

lidade e mediaticidade à modalidade», disse o piloto, projectando também a próxima época desportiva.

«Estou a preparar um novo carro para a competição, um Opel Manta 400, que só estará pronto para 2022. Vou fazer este ano com o Opel Kadett. Com a mecânica de velocidade farei algumas provas do campeonato e, como tenho a minha adrenalina na velocidade e no cronómetro, vou escolher algumas rampas e circuitos para completar a época», explicou.

OS PASSOS QUE O DRIFT DEU NOS ÚLTIMOS ANOS FORAM ENORMES E A SUA INCLUSÃO NA FEDERAÇÃO FOI UMA MAIS-VALIA



Nelson Rocha, piloto de drift

Drift Nacional nas mãos de minhotos

Isac Pedroso integra FPAK

O desporto motorizado sempre teve uma grande "afición" na região. A meio da década de 1990 começaram a aparecer grupos de pilotos que faziam espectáculos de condução, ora inseridos nas numerosas provas de perícia realizadas no Minho, ora em exposições de tuning, chegando a estender a sua presença por todo o país e na vizinha Galiza.

Esses grupos foram aos poucos orientando as suas exibições para a condução drift moderno, criado pelo lendário piloto japonês Kunimitsu Takahashi, em 1970. A divulgação das suas técnicas em vídeo correu o mundo, tendo o filme "Velozes e Furiosos: Desafio em Tóquio", dado o grande empurrão na divulgação da modalidade.

E assim surgiram as disputas regionais e nacionais promovidas por algumas equipas



até que a entidade federativa nacional, por recomendação da Federação Internacional do Automóvel (FIA), reuniu esforços para abarcar a disciplina no seu seio.

A Direcção da Federação Portuguesa decidiu então promover desportiva e regulamentarmente o drift, dando-lhe estrutura

federativa e oficializando o Campeonato de Portugal de Drift.

Em 2017 ocorreu a primeira tentativa da FPAK de implementar em Portugal um campeonato federado de drift, sendo cancelado ao fim da terceira prova.

Então, a estrutura federativa veio a Vila Verde reforçar-se com Isac Pedroso, conhecedor profundo da disciplina, por ser um dos primeiros "drifters" portugueses.

«A actual Direcção da Federação contactou-me no sentido de fazer a ponte entre o não federado, com algumas regras demasiado "elásticas", e a competição regrada e leal. Para esta aventura levei comigo o brarense Valter Correia e começámos a planificar e organizar a máquina federativa na disciplina, em diálogo aberto com os pilotos e equipas, procurando regulamentar o processo

técnico e classificativo, sempre com o apoio deles. Quanto ao clube promotor do Campeonato de Portugal de Drift, o Clube Automóvel do Minho candidatou-se e ainda hoje nos acompanha», explicou Isac Pedroso.

Uma mais-valia

Isac Pedroso mostrou-se ainda satisfeito com esta união. «Acho que para o drift e para a FPAK esta integração foi uma mais-valia. As provas têm corrido a contento de ambas as partes e temos um campeonato muito disputado. Em 2021, os calendários estão a ser ultimados, apontando para o começo em Maio num total de seis provas. Se a actual situação o permitir, teremos ainda mais duas provas para a Taça e, possivelmente, um Campeonato Regional Centro», apontou.

CN PRADO

O Clube Náutico de Prado comemorou 39 anos de existência no dia 24 de Fevereiro. Mas a canoagem na Vila de Prado remonta aos anos 1960, nos tempos da Mocidade Portuguesa, passando depois a integrar uma secção do GD Prado, onde funcionou durante muitos anos, com as célebres descidas do Cávado, que se realizavam entre a Ponte do Porto e a Ponte de Prado.

Entretanto, o grupo de seccionistas decidiu tornar a canoagem autónoma do futebol e criar um clube dedicado exclusivamente a esta modalidade. Foi assim que em 1982 nasceu o Clube Náutico de Prado.

A sua primeira sede foi no Largo da Feira, num barracão de chapa, que mais tarde seria transferido para a Praia do Faial, onde foram construídos alguns edifícios de cimento. O clube foi crescendo e, em 2007, apresentou uma candidatura ao Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ) para a requalificação das instalações, inauguradas em 2009.

Para além dos inúmeros títulos nacionais, tanto individuais como colectivos, a história do CN Prado fica marcada indelévelmente pela participação de quatro atletas nos Jogos Olímpicos: Rui Fernandes (Barcelona 1992), Silvestre Pereira e Rui Fernandes (Atlanta 1996), Emanuel Silva (Pequim 2008) e Hélder Silva (Rio de Janeiro 2016).



Horácio Lima

Presidente do CN Prado

«Tudo isto para um clube de uma Vila que não é sede de Concelho é um feito extraordinário», diz, com orgulho, Horácio Lima, Presidente do CN Prado, não esquecendo os três eventos internacionais que o clube realizou em parceria com a Federação Portuguesa de Canoagem e o Município de Vila Verde.

«Fruto do prestígio competitivo e organizativo nacional tivemos como ponto alto dessas organizações a realização do Campeonato Europeu, em 2013, três anos mais tarde a Taça do Mundo e, em 2018, o Campeonato do Mundo, que encerrou com chave de ouro este ciclo de três eventos internacionais», frisou.

Ao longo destes 39 anos, o CN Prado viveu momentos de grande esplendor e outros menos positivos, mas manteve sempre as suas embarcações na água. Horácio Lima entrou para o clube há 25 anos e recentemente foi reeleito para o quarto mandato, naquele que é o clube mais titulado do Concelho de Vila Verde.

«Este ano não tem sido fácil porque as nossas receitas, praticamente, estão congeladas. Eram provenientes do bar e do ginásio, que têm trabalhado de forma limitada e neste momento estão mesmo fechadas. Contudo, em 2020, ainda conseguimos alguns apoios de particulares, o que nos per-



CN Prado celebrou 39 anos no dia 24 de Fevereiro

mitiu ter um ano mais ou menos controlado, mas a manter-se esta situação torna-se difícil», lamentou.

Aumento de atletas

Curiosamente, em contraciclo com outras modalidades, Horácio Lima diz que o clube até aumentou o número de atletas no contexto da pandemia.

«Temos mantido a nossa actividade de acordo com as orientações da FP Canoagem e da DGS, porque este é um desporto individual ao ar livre e nesse contexto nunca tivemos tantos atletas nesta altura do ano, fruto também de atletas de outras modalidades que estão privados da prática de actividade física. Na formação do clube entre os 10 e os 15 anos, até ao momento, mantivemos os mesmos atletas. Agora, no que diz respeito aos atletas do Desporto Escolar, diminuíram porque as escolas estão fechadas e a actividade desportiva limita-

da», explicou.

Perante este aumento de atletas, Horácio Lima diz que a prenda que o clube gostaria de receber era a ampliação das instalações. «A nossa maior necessidade é mesmo ampliar as nossas instalações. Apesar da pandemia não diminuímos o número de atletas, antes pelo contrário, mas se queremos ter qualidade não podemos ter mais atletas porque não temos condições», lamentou.

«Obras não dependem apenas da boa vontade do Município»

Patrício Araújo elogiou trabalho do CN Prado

Patrício Araújo, Vereador do Desporto do Município de Vila Verde, compreende que o clube necessite de aumentar as suas instalações para continuar a crescer mas diz que isso não passa apenas pela vontade da autarquia. «O clube está situado num local onde se torna difícil construir nos termos de classificação do Plano Director Municipal. Não basta apenas a vontade do clube e do Município para se fazerem obras. Este é um local sujeito a cheias e termos de ter autorização da Agência Portuguesa do Ambiente, além de que todos os terrenos ao lado são Reserva Agrícola. Por isso, temos algumas condicionantes para a realização de obras ou o alargamento das instalações. Esperemos em breve conseguir fazê-lo», frisou o autarca. Recorde-se que as instalações do CN Prado e os terrenos envolventes pertencem ao Município, que cedeu o direito de superfície durante 50 anos.

«É a jóia da coroa do desporto concelhio»

Patrício Araújo reconheceu ainda que o CN Prado é a colectividade desportiva que mais eleva o nome do Concelho dentro e fora do país. «Ninguém imaginava há quase 40 anos que este clube se iria projectar a este nível tão elevado, com cinco partici-

pações nos Jogos Olímpicos. É um clube a quem o Governo reconhece o estatuto de utilidade pública. Com isso, afirmam a sua qualidade organizacional e juntam a qualidade desportiva. É um pouco a jóia da

coroa no desporto do Concelho. Tem sido um grande parceiro do Município nas organizações nacionais e internacionais que projectaram o Concelho além-fronteiras», destacou.



AMPLIAÇÃO DAS INSTALAÇÕES»



«O desporto ao ar livre vai ter um “boom” muito grande»

Pandemia tem condicionado trabalho de José Ramalho

José Ramalho chegou ao CN Prado em Outubro de 2019 como coordenador técnico e acabou por viver um ano competitivo muito limitado devido à pandemia que fechou o país em Março de 2020.

«Está a ser muito difícil porque apoiamos muito o nosso trabalho no espírito de grupo e entre-ajuda, para que eles se motivem. A verdade é que esta pandemia trouxe uma nova realidade em relação às formas de treinar. Isto condiciona muito os atletas, principalmente nos escalões de formação, que é o mais nos preocupa», disse o treinador.

«Quando há confinamento há um desligar por completo, sobretudo dos mais novos. Isso é extremamente preocupante, mas a verdade é que no Verão existiu uma grande procura da actividade ao ar livre pelo facto de estarem tanto tempo em casa. Penso que este ano vai acontecer o mesmo. Acredito que passada esta pandemia as actividades ao ar livre vão ter um “boom” porque as pessoas sentem essa necessidade», acrescentou José Ramalho.

Ambição de ganhar

Apesar de todas estas condicionantes, Ramalho faz um balanço muito positivo ao nível dos resultados desportivos. «Fizemos um Nacional de Esperanças fantástico, em que os nossos jovens deram uma resposta contundente relativamente ao que é o futuro do CN Prado. Ficámos em segundo lugar, a poucos pontos do primeiro. Ganhámos, pela segunda vez, o Nacional de Maratonas e no Nacional de Pista estivemos próximo de conseguir.

Penso que este ano, se houvesse classificação colectiva, podíamos ser campeões nacionais, pois tínhamos uma equipa for-

te nas tripulações, com vários atletas do mesmo escalão com muita qualidade», anotou.



Regresso da competição

O coordenador técnico do CN Prado acredita que este ano as provas colectivas possam regressar e explica porquê. «É um contrassenso permitir que viajemos de autocarro e carrinhas e estejam todos amontados no local da prova e depois não possamos ir para a água fazer k2 e k4. Qualquer coisa não bate certo. Por isso, acredito que este ano isso vai mudar, até porque Portugal tem o compromisso de realizar o Campeonato do Mundo de sub-23 e juniores e é necessário criar equipas e fazer selectivas. Vai ser quase como uma obrigação», admite.

A FP Canoagem já adiou o Nacional de Maratona, que estava agendado para Fevereiro, mas Ramalho vai preparar os seus canoístas para participar na Taça de Portugal de Pista, marcada para o mês de Abril. «O CN Prado tem de colocar sempre a fasquia alta, a dimensão do clube assim o obriga. Eu assumo essa responsabilidade, assim como a Direcção. Temos ambição de ganhar, sempre tive na carreira de atleta e quero passar essa ambição aos mais jovens», afirmou.

Formar com qualidade

«A importância do CN Prado resume-se à quantidade de resultados que tem a nível nacional e internacional e presenças nos Jogos Olímpicos. É um clube que tem muita capacidade de formar atletas e depois transformar esse crescimento em qualidade e resultados desportivos. O CN Prado tem vindo a formar atletas com muita qualidade. Isso é a mais-valia de um clube que está muito perto de ser quarentão».

LANK VILAVERDENSE

SAD do Vilaverdense quer investir 3,5 milhões para criar academia desportiva

Falta ter a aprovação da Assembleia Municipal para a cedência do direito de superfície



A SAD do Lank Vilaverdense tem um projecto para criar uma moderna academia desportiva. Para isso, o clube pretende obter o direito de superfície sobre o campo da Cruz do Reguengo e Municipal, algo que está pendente da “luz verde” da Assembleia Municipal. A proposta já foi aprovada em reunião de Câmara, mas acabou por não ser votada pela Assembleia tendo em conta a existência de várias questões levantadas pelos deputados municipais do PS, que levaram o executivo a retirar o ponto da ordem de trabalhos.

O protocolo prevê que haja uma cedência gratuita das duas infra-estruturas por parte da autarquia e que o direito de superfície vigore por um período de 65 anos, permitindo criar uma moderna academia desportiva.

No âmbito do acordo estabelecido, fica expresso que os proprietários do clube realizarão um avultado investimento de melhoria do Complexo Desportivo, de cerca de 3,5 milhões, no prazo estimado de quatro anos, contados da data da obtenção da última das licenças e autorizações necessárias para a execução das obras. Ficará igualmente responsável pela realização de todas as demais obras de conservação, reparação e restauração que forem precisas enquanto vigorar o protocolo.

A autarquia compromete-se a isentar o clube do pagamento de todas as taxas municipais referentes aos projectos, licenciamentos, saneamentos, vistorias e quaisquer outras taxas ou quaisquer outras contrapartidas pecuniárias que sejam devidas à Câmara para a realização das obras.

O protocolo estipula que o Complexo Desportivo seja gerido pelo Vilaverdense FC, através da dinamização da prática desportiva, com a obrigatoriedade de manter

activos os diversos escalões de futebol de formação. Nos casos de extinção do direito de superfície por factos não imputáveis ao Vilaverdense FC, o Município adquire a propriedade das obras e também das benfeitorias realizadas.

Investimentos

No âmbito do investimento programado de 3,5 milhões de euros, o protocolo prevê várias intervenções, nomeadamente a substituição do relvado sintético por um relvado natural no Estádio Municipal e a colocação de cadeiras na bancada para acolher os jogos da equipa principal de futebol.

No Campo da Cruz do Reguengo, serão construídos dois campos de treinos em relva sintética, um campo de jogos de relva natural destinado a jogos oficiais dos

escalões de formação e de futebol feminino, uma bancada e balneários. Será ainda construído um edifício de apoio ao Complexo Desportivo, incluindo áreas sociais para jovens atletas, família, museu do clube e balneários para os escalões de formação.

«A nossa ideia é criar uma envolvimento entre os dois campos para uniformizar todo o espaço. Proteger os espaços das condições climáticas e criar à volta painéis de publicidade e comunicação interna do clube. Como ideia base é criar todas as condições que um atleta necessita para sua actividade física», explicou Adrien, investidor, aquando da apresentação do projecto aos associados do Vilaverdense.

Serviços

Será ainda criada uma área VIP numa

parte elevada para a administração com escritórios, bem como piscinas, um campo de padel, um campo de basquetebol e um ginásio indoor e outdoor. O projecto contempla também a criação de uma área de restauração (café e restaurante) que quando estiver em funcionamento «irá criar emprego local».

«Tínhamos outros sítios para investir, mas optámos por Vila Verde. A Lank não vem cá com o intuito de apagar as marcas do Vilaverdense FC mas sim manter o máximo dos seus símbolos. Queremos envolver toda a comunidade e não dizemos isto por dizer. Precisamos que estejam connosco. A nossa ideia é ajudar o clube a crescer, mas para isso precisamos da vossa ajuda», disse Adrien, semanas antes de os sócios terem aprovado a constituição da SAD.



LUÍS FERRAZ - MERELINENSE

A voz de comando do Merelinense

Luís Ferraz vive o clube de uma forma intensa

O Merelinense está a fazer uma grande campanha na série A do Campeonato de Portugal. A formação bracarense segue na segunda posição, a sete pontos do líder SC Braga B (que tem menos um jogo), somando apenas quatro derrotas. «Está a correr muito bem, melhor só mes-mo o primeiro lugar. O SC Braga B não tem facilitado e tem realizado um trajecto quase imaculado, mas nós temos feito um campeonato espectacular», começou por referir Luís Ferraz, capitão do Merelinense e um dos jogadores mais experientes do plantel orientado por Emanuel Simões.

«No jogo da primeira volta sofremos o segundo perto do fim e jogámos de igual para igual com eles e no segundo jogo mostrámos que temos qualidade para nos batermos com o SC Braga B. A diferença tem estado noutros jogos, onde eles têm sido mais regulares, pois apenas têm dois empates, e nós já sofremos algumas derrotas fora de casa», explicou o médio, acrescentando que mesmo essas derrotas «foram imerecidas». «Se calhar ganhámos outros onde não estivemos tão bem. Temos de continuar este caminho», disse.

Luís Ferraz não descarta um ataque ao primeiro lugar, mas lembra que os arsenalistas têm uma «boa almofada», tal como o Merelinense sobre o terceiro classificado. «Não devemos olhar para quem vem atrás. Temos de ser ambiciosos e encurtar distâncias e se o SC Braga B o permitir... Queremos sempre mais e para isso temos de olhar para cima», venceu.

O médio lembra ainda que o Merelinense está numa luta desigual com o seu principal adversário do campeonato. «O SC

Braga B é profissional, tem outro tipo de condições e jogadores com potencial para chegar à equipa principal. Aliás, alguns deles já lá chegaram. Devido à pandemia, o Merelinense foi obrigado a fazer alguma redução orçamental e perdeu alguns jogadores para equipas desta série», recorda o jogador, de 33 anos, mostrando-se agradado com a forma como os jovens estão a comportar-se num campeonato competitivo.

«São jovens que nunca viram a cara ao trabalho, gostam de treinar e de aprender. Têm qualidade e muito para dar ao futebol. Ainda bem que alguns miúdos começam a sobressair por-que nós gostamos de ver os jovens a singrar», afirmou.

Ferraz garante que não está surpreendido com o caminho que a equipa tem trilhado. «Para quem não acompanha o dia-a-dia do Merelinense pode ser uma surpresa, mas para nós não. O segundo lugar é mais do que merecido», anotou o jogador, deixando também elogios ao clube da sua terra de origem. «O Merelinense é um clube de pessoas sérias. Qualquer jogador que passa por aqui identifica-se com o clube. Tem uma boa estrutura directiva e paga sempre certinho. Dificilmente algum jogador não gosta do ambiente que existe neste clube humilde e de gente boa», frisou.

Eduardo Luís Vieira Ferraz

Nascimento: 1987-04-01 (33 anos)
Naturalidade: Merelim S. Pedro-Braga
Posição: Médio
Clubes: Merelinense



«Sinto muito a falta dos adeptos»

Ferraz só conheceu dois clubes na sua carreira

A pandemia roubou muita da liberdade a quem estávamos habituados. Uma das con-

sequências das medidas para combater o vírus foi a proibição dos adeptos nos jogos

de futebol. Luís Ferraz compreende que a medida é para o bem da saúde pública,

mas diz que sente muito a falta do público nas bancadas. «Não é a mesma coisa, parece que estamos num contexto de treino. Tira a adrenalina toda ao futebol», frisou.

Produto da «cantera» do Merelinense, o médio fez quase o todo o seu percurso futebolístico no clube bracarense, tendo apenas passado cinco temporadas no Vizela (2012/17). Na época de 2017/18 regressou à casa mãe. «Enquanto sentir prazer em jogar, sentir que sou útil, ainda posso jogar mais uns anos. Isto, claro, se as lesões não me obrigarem a parar», disse.

«Bom campeonato para os jovens»

Luís Ferraz considera que este campeonato é uma boa mostra para os jovens jogadores que querem dar o salto para as provas profissionais. «É um campeonato com equipas e jogadores experientes, o que obriga os jogadores a evoluir em vários aspectos. Depois, está a ter cada vez mais visibilidade, com muitos jogos transmitidos na televisão. Isso acaba por ser proveito-so, o que faz com muitos jogadores já tenham dado o salto para outros patamares», afirma.



Plantel solidário com atleta da formação que sofre de doença oncológica

JOÃO PAULO - MERELINENSE

Um central com o ADN do Merelinense

João Paulo é um produto da “cantera” do clube bracarense

No final da época de 2016/17, João Paulo tomou talvez uma das decisões mais difíceis na carreira de jogador de futebol. Depois de mais de uma década com o símbolo do Merelinense ao peito, foi “obrigado” a mudar de ares. Na altura, a Direcção do clube tinha decidido treinar durante o dia, impossibilitando assim a continuidade do jogador no plantel. O curso de Agronomia acumulado com o trabalho não lhe deixava espaço nem tempo disponível para se dedicar totalmente ao futebol. Rumou então ao Maria da Fonte, onde também foi muito feliz. No primeiro ano foi campeão da Pró-Nacional da AF Braga e no ano seguinte ajudou o clube a manter-se nos Nacionais de futebol.

No entanto, na temporada passada, João Paulo regressou ao clube que o viu nascer para o futebol. «As pessoas que estão à frente do clube já não são as mesmas, mas fui muito bem recebido por toda a gente. Cheguei a este clube em 2003 e só deixei o Merelinense porque optaram por treinar de manhã. Como na altura estava empenhado em terminar o curso e também tinha começado a trabalhar, não dava para conciliar tudo. O Maria da Fonte era um bom clube e passei lá dois anos magníficos», contou o central, de 26 anos, que tem sido uma das opções regulares no onze de Emanuel Simões.

«A época tem corrido bem a nível individual e colectivamente. Acreditamos sempre na qualidade do grupo. Com essa base entramos para vencer em todos os jogos, depois os bons resultados dão mais confiança», frisou o jogador.

João Paulo comanda a defesa menos batida da série A do Campeonato de Portugal, com apenas sete golos sofridos, com a particularidade de apenas terem sofrido um golo em casa, sem qualquer derrota registada no campo João Soares Vieira.

«O segredo? Está na forma como começámos a defender logo na primeira fase de construção dos adversários. Em casa somos uma equipa muito forte. Juntando a isso a qualidade individual a receita está à vista de todos: temos feito um grande campeonato», frisou.

João Paulo Fernandes Oliveira

Nascimento: 1994-04-16(26 anos)

Naturalidade: Adaúfe – Braga

Posição: Defesa central

Clubes: Merelinense

«Gosto de deixar a minha marca»

João Paulo diz que é importante consolidar o segundo lugar, mas sem nunca perder a ambição de olhar para cima. «Sabemos que o SC Braga B está numa posição confortável, mas enquanto matematicamente for possível vamos tentar», frisou o jogador, que esta época ainda não “molhou a pena”. «Esta época não tenho sido feliz nesse aspecto, ainda estou à procura do primeiro golo. Às vezes até temos algumas brincadeiras no balneário por causa disso. Anseio que ele chegue, não é uma obsessão, mas gosto de deixar a minha marca no campeonato», referiu.



Central apenas jogou fora duas épocas

«Falta o convívio no balneário»

Um dos efeitos da pandemia

Uma das coisas que a pandemia “roubou” ao futebol foi o espírito e o convívio no balneário, algo de que João Paulo sente muita falta. «Estávamos habituados às brincadeiras no balneário, que dão sempre origem a um bom ambiente que ajudam a formar um bom grupo. Mas mesmo com todas

estas restrições conseguimos ter um balneário forte e unido, isso tem-se reflectido nos jogos», disse o jogador, que quando olha para as bancadas desertas sente um grande vazio. «Sentimos falta da emoção dos adeptos. É uma perda grande para o futebol», frisou.

«O Merelinense é um clube formador»

Plantel com vários jovens da formação



João Paulo é um dos capitães de equipa

O Merelinense é um dos clubes que melhor aproveitam os jovens da formação. Um bom exemplo disso é João Paulo, que nesta época tem a companhia de muitos mais jovens saídos das camadas jovens do clube bracarense. «Este é um clube formador e sabe tirar bom proveito do trabalho realizado na formação. Prova disso mesmo é a quantidade e a qualidade de jogadores que têm chegado à equipa principal nas últimas épocas e que se conseguem impor, alguns acabam mesmo por atingir patamares muito altos. O Merelinense tem uma das melhores formações da região. É um orgulho fazer parte desta família», destacou o central, que não descarta a possibilidade

de chegar a uma liga profissional. «Quando somos jovens e estamos a iniciar temos o sonho de ser jogadores profissionais, jogar ao mais alto nível, com o estádio cheio e adeptos a vibrar. Hoje, com 26 anos, as minhas ambições passam por jogar sempre a um maior nível possível. Neste momento, o foco é o Merelinense, quero ajudar o clube a cumprir os objectivos», anotou.

“QUERO AJUDAR O CLUBE
A CUMPRIR OS OBJECTIVOS”

TELMO FERNANDES - MARIA DA FONTE

TELMO DESTACA ORGANIZAÇÃO E COMPROMISSO DO GRUPO

Telmo Joaquim da Silva Fernandes

Nascimento: 1985-02-17(36 anos)
Naturalidade: Braga
Posição: Avançado
Clube: Maria Fonte



Avançado está a cumprir a quarta época no Maria da Fonte

Telmo Fernandes está a cumprir a quarta época com a camisola do Maria Fonte. O avançado, que já se sente um filho da casa, espera ajudar a equipa a subir à Liga 3 e faz um balanço positivo do andamento da época na série A do Campeonato de Portugal. «A fase de transição do “mister” Dinis Rodrigues para o “mister” Ivo Castro foi complicada, pois são treinadores diferentes e tivemos de assimilar novos métodos e novas ideias. Agora, privilegiamos mais a posse de bola e estamos a adaptar-nos bem», anotou.

Quanto aos objectivos para a época, o avançado é bem claro: «passam por ficar num lugar de acesso à Liga 3». «No ano passado, embora os campeonatos não tivessem terminado, fizemos a melhor classificação de sempre nesta divisão. Agora, as coisas também estão a correr bem», disse, acrescentando que o grupo é ambicioso e por isso quer ficar sempre o mais acima possível na tabela classificativa. «Se estivermos em quinto, queremos subir ao quarto e assim sucessivamente, enquanto matematicamente for possível vamos tentar ficar no melhor lugar da nossa série», frisou. Para o avançado do Maria da Fonte, há apenas uma equipa que se tem destacado ao longo do campeonato. O jogador diz que o SC Braga B está acima dos adversários, até pelas condições de que dispõe e também pela qualidade dos seus jogadores. «Algumas equipas que subiram estão a sentir algumas dificuldades, como é o caso do Vimioso, quanto ao resto acho que está equilibrado, exceptuando o SC Braga B, que está a fazer um grande campeonato,

mas também tem condições que os outros não têm e jogadores que até já foram chamados à equipa principal. Tem outras armas», destacou.

Telmo sublinhou ainda que o segredo para um clube amador como o Maria da Fonte se manter nesta divisão e com bons resultados está na organização. «O Maria é um clube cumpridor, não nos falta nada e, além disso, o grupo também tem um grande compromisso», sublinhou.

«Gostava de ultrapassar os 10 golos»

Individualmente, a época também corre de feição ao avançado, que já apontou quatro golos, mas ainda está longe da marca conseguida na temporada passada. «Este ano ainda não tenho tantos golos, mas o campeonato também ainda não acabou. Espero chegar e até ultrapassar a dezena de golos que fiz no ano passado, mas neste momento o que interessa é que a equipa está a jogar bem e a cumprir os objectivos», apontou.

«Espero jogar mais uns anos»

Telmo diz que ainda se sente em condições físicas de jogar mais algumas temporadas e gostava de terminar a carreira no Maria da Fonte.

«Fui bem acolhido, as pessoas não faltam com nada, sou bem tratado, sinto-me um jogador da casa. Enquanto me sentir assim vou continuar a jogar. Gostava de terminar a carreira aqui, mas se o clube subir à Liga 3 não vai ser tão fácil, pois trabalho e não posso treinar durante o dia. Vamos ver...», perspectivou.

«A minha melhor época foi a lateral»

Telmo garante que joga em qualquer posição no terreno

Telmo não tem problemas em pisar terrenos que não são propriamente a sua praia. Aliás, o extremo diz que uma das suas melhores épocas foi a lateral esquerdo, quando representava o Atlético de Valdevez. «Actualmente estou a jogar a médio interior, um falso extremo, mas já joguei em caso todas as posições. Lembro-me que no Atlético de Valdevez joguei a lateral esquerdo e fiz uma das minhas melhores épocas», recordou.

Isolamento profiláctico

A equipa do Maria da Fonte teve de cumprir isolamento profiláctico durante 14 dias devido ao surgimento de dois casos positivos de Covid-19 no plantel. «Levámos um trabalho específico para casa para que o impacto não fosse tão grande quando regressássemos à competição. Sabíamos que algumas equipas que passaram pela mesma situação sentiram dificuldades no regresso. Felizmente, nós vencemos, é sinal que trabalhamos bem durante o confinamento», disse.

Longas viagens

Na perspectiva do jogador, as maiores dificuldades desta série são as muitas e longas viagens a Trás-os-Montes, que em tempo de pandemia ainda se tornam mais dolorosas. «Com o confinamento não podemos almoçar fora. Temos de nos adaptar e arranjar outras soluções, mas nesse aspecto a Direcção tem sido impecável», destacou.



FILIFE MARQUES - MARIA DA FONTE**«Fiquei para ajudar o clube a subir à Liga 3»****Filipe Marques tem-se destacado no meio campo do Maria da Fonte**

Filipe Marques chegou ao Maria da Fonte na época passada com o intuito de manter os índices físicos depois de uma paragem forçada. Mas a forma como os responsáveis do clube poveense o acolheram levaram-no a assinar até ao final da época. Contrato que se estendeu depois por mais uma temporada.

«Estive sem poder jogar até Janeiro do ano passado e fui treinar para o Maria da Fonte para não ficar parado, mas o “mister” pediu-me para ficar e como me trataram muito bem decidi aceitar. Olhe, depois acabei por ficar mais um ano. Foi uma adaptação tranquila, fácil, fizeram-me sentir em casa rapidamente», contou o médio, de 23 anos, que tem sido um dos jogadores mais influentes do plantel mariafontista.

«No início, colectivamente as coisas não estavam a correr muito bem, mas melhorámos. Se a equipa estiver bem os jogadores também estão», frisou Filipe Pereira, que esta época já trabalhou com dois treinadores: Dinis Rodrigues e Ivo Castro.

«A diferença é que com o “mister” Dinis Rodrigues não estávamos a conseguir ganhar e com o “mister” Ivo Castro os resultados estão a ser muito positivos. Os dois têm ideias diferentes, agora os treinos são mais intensos e taticamente também jogámos de uma forma diferente», explicou. Filipe Marques reconhece que os dois primeiros lugares da série A do Campeonato de Portugal, ocupados pelo SC Braga B e pelo Merelinsense, respectivamente, estão

inacessíveis, mas todos os outros estão em aberto. «A ideia é ficar nos cinco primeiros lugares, mas quanto mais acima melhor», apontou o médio, que esta época recebeu algumas propostas.

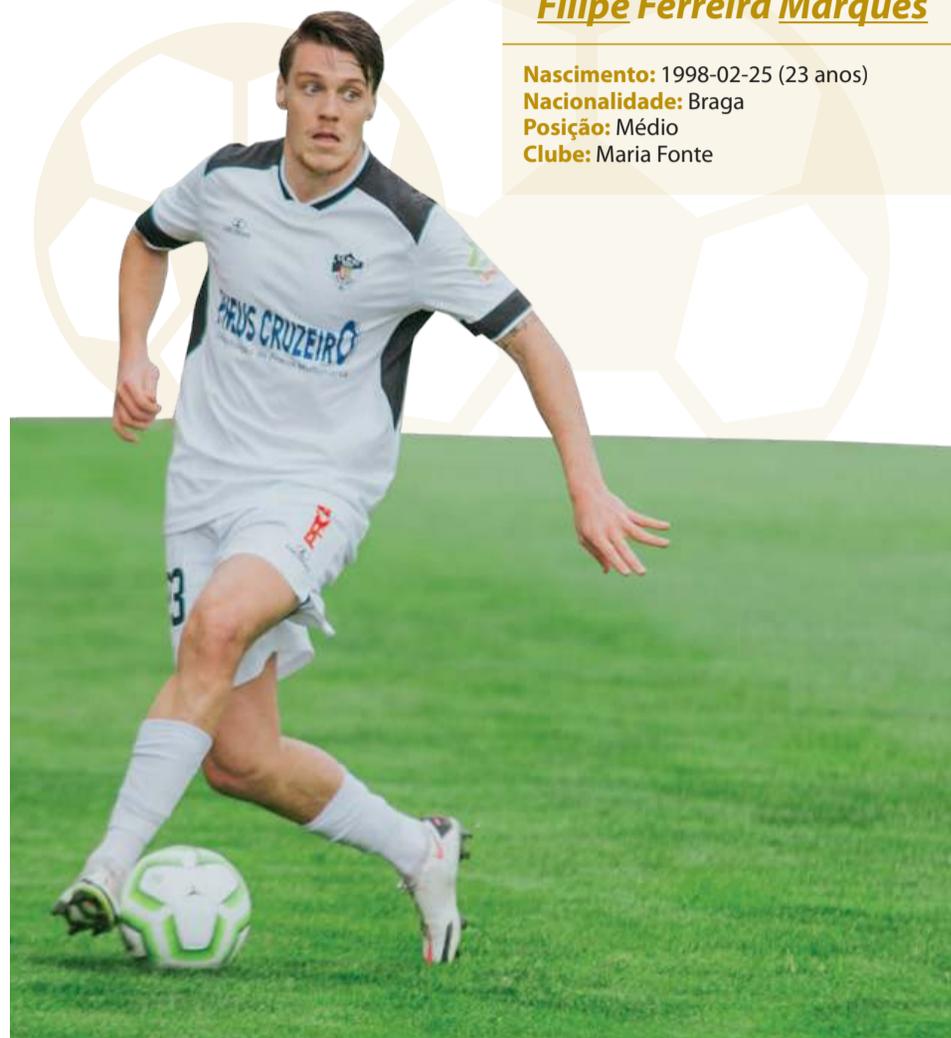
«É verdade que recebi alguns convites, mas numa fase em que as coisas não estavam a correr bem não queria abandonar a equipa, pois sempre acreditei no projecto. Quero ajudar o Maria a subir à Liga 3», frisou.

«Há talentos neste campeonato»

Filipe Marques nunca tinha jogado no Campeonato de Portugal. O médio diz que existem muitos bons jogadores, que podem ser aproveitados nas ligas profissionais. «Há muitos talentos neste campeonato, que está a ser bem trabalhado. Com os jogos na televisão somos mais observados», disse o médio, que acredita que um dia a sua vez também chegará. «Quando vemos os nossos colegas a dar o salto, isso leva-nos a pensar: se consegui porque é que eu não sou capaz? Isso dá mais motivação aos jogadores», afirmou.

Um oito mas ainda sem golo

Filipe Marques gosta de jogar na posição 8, de transportar a bola, mas também é exímio na forma como se posiciona no terreno sem ela. O único aspecto negativo até ao momento são os golos ou, neste caso, a falta deles. «Até tenho um bom remate, mas tenho sempre a tendência para passar a bola aos meus colegas. Vou ter de chutar mais à baliza», disse o jogador.

Filipe Ferreira Marques**Nascimento:** 1998-02-25 (23 anos)**Nacionalidade:** Braga**Posição:** Médio**Clube:** Maria Fonte**Jogou com Renato Sanches e Pedro Gonçalves****Médio formou-se no Benfica e no SC Braga**

Filipe Marques chegou muito cedo à Academia do Seixal para representar o SL Benfica, onde jogou nos escalões de infantis e iniciados, tendo partilhado o balneário com Renato Sanches, internacional português que está agora ao serviço do Lille. «No Benfica deu para crescer por-que quando cheguei lá tinha apenas

11 anos, longe da família, foi uma grande aventura que me obrigou a crescer mais rapidamente», contou o jogador, que depois ingressou no SC Braga, onde jogou ao lado de Pedro Gonçalves, que esta época está a brilhar com a camisola do Sporting.

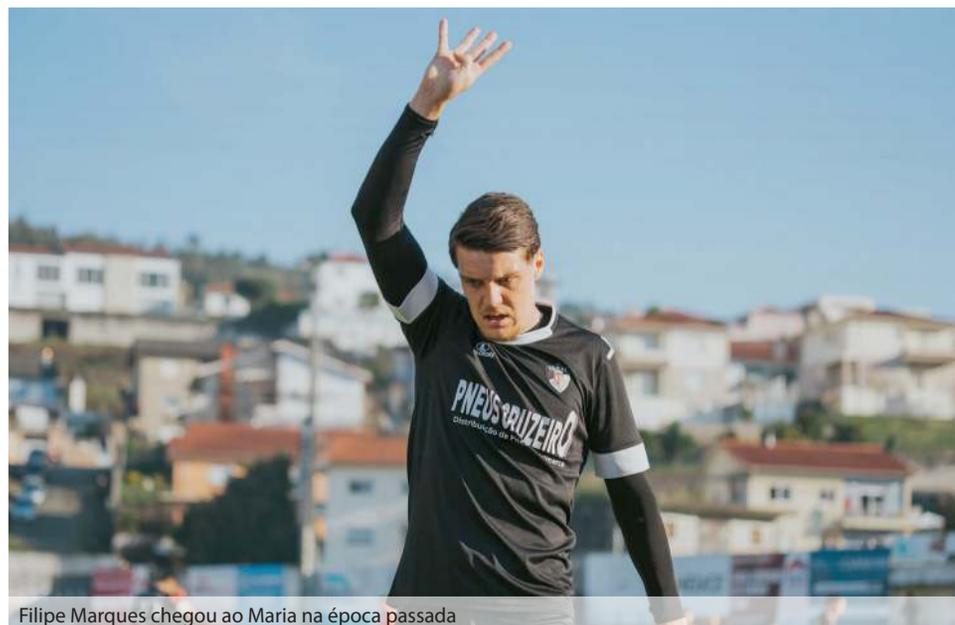
«Já nessa altura se notava que era um jo-

gador diferenciado, a qualquer momento podia de-cidir um jogo», apontou o médio, que também representou a Selecção Nacional de sub-17.

«Temos de acreditar sempre que cada um leva o seu tempo a lá chegar. Tenho 22 anos e como qualquer jovem tenho ambições, mas gosto de viver um dia de cada

vez. Agora estou no Maria e quero ajudar o clube a subir à Liga 3», frisou.

O médio deixou o SC Braga no último ano de júnior para assinar um contrato profissional com o Rayo Vallecano de Espanha, onde ficou três épocas, a última no Internacional de Madrid.



Filipe Marques chegou ao Maria na época passada



Médio recebeu propostas para sair